



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



MARIO SANCHES MONTANO

DEMOCRACIA CORINTHIANA:
Um movimento atemporal

Limeira
2021



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



MARIO SANCHES MONTANO

DEMOCRACIA CORINTHIANA:

Um movimento atemporal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências do Esporte à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana de Toledo

Limeira
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Sueli Ferreira Júlio de Oliveira - CRB 8/2380

M760d Montano, Mario Sanches, 1997-
Democracia corinthiana : um movimento atemporal / Mario Sanches Montano.
– Limeira, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Eliana de Toledo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Futebol - Aspectos políticos. 2. Corinthians. I. Toledo, Eliana de, 1973-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Democracia corinthiana: a timeless movement

Titulação: Bacharel em Ciências do Esporte

Banca examinadora:

Cristian Ravier Lizana

Data de entrega do trabalho definitivo: 14-01-2021

Autor: Mario Sanches Montano

Título: Democracia Corinthiana: Um movimento atemporal

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências do Esporte

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas

Aprovado em: 14/01/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliana de Toledo
(Orientadora) – Presidente
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Prof. Ms. Cristian Ravier Lizana
Avaliador
Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista (FESB)

Este exemplar corresponde à versão final da monografia aprovada.

Profa. Dra. Eliana de Toledo
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Agradecimentos

Gostaria de começar os agradecimentos dando todos os créditos a minha mãe e meu pai, por serem a base de tudo isso, por não deixarem de me incentivar em nenhum momento a seguir meus sonhos e me ajudar a conquistar os objetivos que tracei ao longo da vida até esse momento.

Um agradecimento a todo corpo docente da FCA-Unicamp que passou por minha graduação, que de alguma maneira, ficou marcado em minha trajetória universitária e servindo de inspiração profissional para mim. Em especial ao professor Leandro Mazzei que nos últimos 2 anos de graduação me auxiliou demais em meus objetivos profissionais.

À minha orientadora Eliana de Toledo (Licca), que me auxiliou desde o primeiro momento em meu tema de pesquisa e se disponibilizou a fazer uma visita e viver junto a minha uma aula particular da história do Corinthians, algo muito especial pra mim.

Ao Professor Cristian Lizana, que se disponibilizou desde o primeiro contato a fazer parte da banca avaliadora.

Ao Sport Club Corinthians Paulista, em nome de toda a diretoria, em nome de todos os funcionários do Memorial Corinthians e em especial ao Cristiano Pereira, curador do memorial que desde o primeiro contato se mostrou muito receptivo e nos recebeu muito bem em um momento difícil que toda sociedade está vivendo, tirando um dia para nos dar uma aula sobre o Corinthians!

Aos meus colegas de cursos quero agradecer o convívio dentro e fora do ambiente universitário, tendo a possibilidade de conhecer novas culturas, uma diversidade de ideias e pessoas muito importantes para meu crescimento pessoal.

Aos meus amigos Lucas Nagem e Gabriel Teodoro, que disponibilizam seu tempo para me auxiliar na revisão do trabalho!

Aos meus amigos da capital, que durante esse período em que eu não estava mais presente no cotidiano não me abandonaram e mostraram que a amizade não depende de distância e que podemos contar sempre um com o outro.

Por fim a família Bixo Pika, durante esse período de graduação ganhei diversos irmãos que me acolheram muito bem quando cheguei e que me ensinaram diversas coisas ao longo do ano, me fizeram evoluir demais em todas as esferas, uma família que vou levar para o resto da vida e que não consigo largar por nada. Me mostrou um amor que nunca tinha sentido e um sentimento de pertencimento desigual! Como gostamos de falar: "Ah, bixo pika é liso!!"

MONTANO, Mario Sanches. Democracia Corinthiana: Um movimento atemporal. 2021. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2021.

RESUMO

A Democracia Corinthiana (DC) foi um movimento que ocorreu no Sport Club Corinthians Paulista, no início da década de 1980, num momento no qual o país vivia um regime ditatorial de 15 anos. Neste cenário, a DC parece ter sido uma proposta de conscientização popular em prol da democracia, no e por meio do futebol. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa foi analisar o movimento DC, destacando seus propósitos e protagonistas, numa perspectiva de valorização deste movimento singular, importante e atemporal na história do esporte brasileiro. Foi realizada uma pesquisa documental, tendo como fontes primárias os documentos disponíveis no site oficial do clube e os que foram disponibilizadas pelo Memorial Corinthians; e como fonte secundária, matérias jornalísticas obtidas nos jornais e revistas de maior circulação nacional no período, e destacando-se algumas referências bibliográficas como: Santos (1990), Farias (2019), Gozzi (2012) e Florenzano (2003). Para a análise dos dados utilizou-se a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011), com categorias à priori, de acordo com a cronologia do próprio movimento. Identificou-se que 1981 foi um ano de transformações estruturais no clube, com destaque na presidência, algo que foi fundamental para o movimento. O ano de 1982 foi de consolidação das novas ideias, constituição do movimento (com destaque para a liderança de Sócrates) e de abertura política. Já 1983, parece ter sido o ápice do movimento, com a utilização da autogestão como mecanismo de gerenciamento. Já em 1984 o movimento começa a perder força, o engajamento em ações sociais e políticas dentro e fora do clube se colocaram à frente do desempenho esportivo. Por fim, em 1985 tivemos o encerramento do movimento com novas eleições para presidência do clube e a retomada das forças anteriores ao poder. A DC serviu para trazer novamente para o ambiente esportivo e político valores democráticos, e esta pesquisa corroborou para identificar nuances e protagonistas do processo, reforçando a importância da pesquisa científica e do papel do esporte para a conscientização do cidadão brasileiro, acenando para o quanto os atletas são importantes nesse movimento democrático, ainda mais em momentos como os de hoje nos quais há ainda ameaças à democracia, no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Democracia Corinthiana. Futebol. Política. Corinthians. Movimento Social.

MONTANO, Mario Sanches. Corinthians Democracy: timeless movement. 2021. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2021.

ABSTRACT

Democracia Corinthiana (DC) was a movement that took place in a Brazilian soccer club - Sport Clube Corinthians. The movement took place in the early 80s, over 15 years after the start of the military regime. Within this scenario, the DC's objective is focused on the promotion of democracy; aimed at raising awareness through and inside soccer. Therefore, the objective of the present research is to analyze the movement, highlighting its motivations and main leaders - seen from a perspective that attempts to appraise this singular, important and timeless event in Brazil's sports history. A documental research was conducted, having as primary source the documents available in the club's memorial, and its official website. As a secondary source, journalistic pieces were obtained in all major newspapers and magazines of the time, among those the most important were: Santos (1990), Farias (2019), Gozzi (2012) e Florenzano (2003). To analyze the data, Bardin's (2011) content analysis proposal was used. Categories were elected beforehand according to the chronology of the movement. 1981 was identified as a turning point regarding the club's infrastructure, which was totally renovated - specially due to the president of the club in the time. This was specially important for the movement. In 1982 the new ideals were more mature, the movement started to take shape (emphasis on the leading figure of Sócrates) and open itself to politics. In 1983, being self-managed, the movement had its heyday. In 1984, the movement starts to lose its strength and the commitment with social causes, inside and outside the club, became more important than the sport performance. In 1985 the movement ends with new elections for president and the comeback of old political forces. The DC served its purpose of bringing back to the sports atmosphere political and democratically values. The present research substantiates the discussion identifying the nuances and main characters of the movement; therefore strengthening the importance of scientific studies and the role of sports in Brazilians citizens social awareness. The research shows how important sports people are important in a democratic movement, especially in nowadays, where there still are threats to democracies, in Brazil and worldwide.

Keywords: Corinthians Democracy, Soccer. Politics. Corinthians. Social Movement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Médici e a Taça da Copa do Mundo de 1970.....	12
Figura 2 “Assim nasceu o Corinthians”.....	19
Figura 3 Sob a luz do lampião de 1/9/1910	20
Figura 4 “Operários, uni-vos!” - Corinthianos protestam em 1915.....	22
Figura 5 Visita guiada da equipe de pesquisa ao Memorial Corinthians - Outubro de 2020.....	25
Figura 6 Publicidade social estampada no uniforme da equipe do Corinthians.....	38
Figura 7 Dia 15/11/1982 é dia de eleição	39
Figura 8 “Vitória da democracia” (1982).....	41
Figura 9 “Campeão democrático” (1982) - no Corinthians se tem liberdade e título	42
Figura 10 “Vladimir: membro do PT, jogador do Corinthians e da Seleção”.....	43
Figura 11 “Ganhar ou perder, mas sempre com DEMOCRACIA”	50
Figura 12 1984 - Fim do encanto socrático.....	54
Figura 13 Show de Rita Lee reúne jogadores do Corinthians.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CND – Conselho Nacional de Desportos

DC - Democracia Corinthiana

LPF - Liga Paulista de Foot-Ball

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1- Introdução	8
CAPÍTULO 2 – Notas sobre o cenário político brasileiro no início da década de 1980	12
CAPÍTULO 3 – O nascer do time do povo	17
CAPÍTULO 4 – Método	25
CAPÍTULO 5 – O movimento “Democracia Corinthiana”	27
5.1 1982	30
5.2 1983	43
5.3 1984	51
5.4 1985	56
5.5 Olhar sobre o movimento	57
CAPÍTULO 6 - Considerações Finais	61
Referências Bibliográficas	64

CAPÍTULO 1 -INTRODUÇÃO

O esporte moderno teve sua regulamentação na Inglaterra a partir dos jogos populares e desde o primeiro momento tinha um caráter educacional na intenção de disciplinar os corpos (SUPPO, 2012). Não levou muito tempo para que as classes dominantes se incomodassem com a participação populacional na prática desses jogos, buscando assim formas de controle da classe proletária. É possível observar essa forma de atuação comum ao redor do mundo, em que sempre se buscou privar uma parcela da população por necessidade de se mostrar superior ao outro (SUPPO, 2012).

Alguns estudiosos da relação esporte e política se debruçam nisso, partindo da perspectiva das relações internacionais aponta que:

Pierre Milza [...] afirma que o esporte possui três dimensões essenciais na política internacional:

1. é componente e reflexo da vida internacional;
2. é revelador do sentimento público;
- e 3. tem papel relevante em três aspectos precípuos da política estrangeira: como instrumento de preparação para a guerra, através dos fins guerreiros da educação física e das atividades esportivas (o cidadão soldado), engendrando imagens de prestígio que podem ser instrumentalizadas pela propaganda nacionalista; e. como meio de aproximação entre países (o mesmo papel que tinham as visitas das esquadras navais no século XIX” (SUPPO, 2012 apud. MEIHY; SOUZA, 2017, p. 151).

Tais dimensões propostas por ele são demasiadamente utilizadas quando abordamos o esporte e sua relação com a política no Brasil, contexto no qual ele foi utilizado como ferramenta de identidade nacional e propaganda ideológica; como instrumento de política externa principalmente num momento da Ditadura Militar. E isso parece se repetir em 2020, em que a polarização política está em seu auge depois de algumas décadas, como destacado em alguns trechos da reportagem Breiller Pires ao jornal El País:

O ato em defesa da democracia deste domingo evidencia, novamente, a potência do futebol como uma plataforma política. Enquanto o Brasil vive uma crise institucional, guiado por um presidente que joga contra o enfrentamento à pandemia e ainda estimula a eclosão de movimentos neofascistas [...] Em um momento de letargia no campo progressista, ainda à procura de unidade para enfrentar a boiada de retrocessos em diversas frentes que o bolsonarismo pretende passar a todo custo, partiu das torcidas organizadas o canto de resistência à escalada autoritária do Governo. [...] No entanto, há algo de singular no protesto da avenida Paulista: a união de movimentos populares gestados pelo futebol em torno de uma pauta em comum, levantando a mesma bandeira, em que a luta contra o fascismo está acima do clubismo. Em um ambiente que se alimenta do cultivo da rivalidade e, por vezes, do ódio ao adversário que veste cores diferentes, o simbolismo da manifestação orquestrada por torcedores de Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos se torna ainda mais notável, a ponto de despertar a indignação das elites reacionárias que não suportam afrontas orgânicas,

democráticas e com cheiro de povo. [...] O cenário do futebol é terreno fértil para a politização de inúmeras questões [...] Porém, a história atesta que futebol e política são elementos indissociáveis, não somente por causa dos movimentos que gritaram a favor da redemocratização nos gramados e arquibancadas, mas também pela extensa rede de poder que molda as competições e deve ser assimilada como uma espécie de “futepolítica” [...] Uma coisa é ser contra a apropriação do esporte por parte de políticos, igualmente oportunistas, que colam a imagem nas glórias alcançadas por jogadores para se promover e capitalizar com feitos que não lhes pertencem. Outra, bastante impertinente, é querer separar o futebol de sua dimensão política, como se o jogo fosse imune aos dilemas e problemas que afetam a sociedade [...]. (PIRES, 2020).

A matéria permite ter a noção da importância dessa intersecção entre os dois temas, mesmo que permaneçam andando em paralelo por muito tempo, até aparecerem momentos em que eles voltam a se cruzar. Pensando numa sociedade mais crítica e politizada, seria interessante que eles caminhassem em conjunto sempre, para mostrar como o esporte, mais precisamente o futebol, pode ser um agente transformador e político. Sendo uma via de mão dupla de destaque imprescindível, pois também são autores desse contexto e tem o papel de colocar sua opinião à mostra e levantar o debate.

No ano de 2020 houve algumas situações que revelaram um pouco disso, como por exemplo, uma na qual a atleta de Vôlei de Praia Carla Solberg, foi denunciada ao Supremo Tribunal de Justiça Desportiva por fazer uma manifestação contrária ao governo federal, uma atitude muito polêmica, já que durante o ano de 2019 no Mundial, como mostra a reportagem divulgada pelo portal da Globo (G1, 2020). Na contra-mão o jogador da Seleção Brasileira de Vôlei, Wallace fez o sinal “17” em alusão ao presidente, em favor do governo vigente e não foram feitas nenhum tipo de denúncia, podendo caracterizar uma predisposição por parte da procuradoria em tentar censurar aqueles que criticam o governo. Ferramenta essa sempre utilizada por governos autoritários em momento de ataques de seus opositores.

Neste cenário, esse trabalho tem o objetivo analisar o movimento “Democracia Corinthiana”, destacando seus propósitos e protagonistas, numa perspectiva de valorização deste movimento singular, importante e atemporal na história do esporte brasileiro. Estudar esse movimento de abertura política, que aconteceu dentro do Sport Club Corinthians Paulista no início da década de 1980, é estudar um movimento com viés democrático que abalou as estruturas pré estabelecidas do futebol, que buscava trazer para seus autores principais as rédeas do show, como Sócrates, líder do movimento destaca: “nós jogadores somos artistas, e os artistas são os únicos trabalhadores que têm mais poder que o seu chefe”(FIGOLS, 2016). E também trazer aspectos do cenário da sociedade brasileira naquele período, no qual o esporte foi um importante canal de divulgação dos movimentos que traziam novamente para o debate a volta da democracia por meio das eleições diretas, que teve seu principal movimento as

“Diretas Já”.

Assim, esta pesquisa é uma forma de narrativa analítica sobre esse movimento, seu desenrolar, seus autores e o papel que cada um desempenhou ao longo do processo, tanto à favor como de maneira antagonista às ideias que vinham sendo implantadas dentro do clube. Um estudo com uma perspectiva histórica que buscou relacionar o papel do futebol como agente político, num período histórico no qual essa relação não acontecia devido ao momento político vivenciado pelo povo brasileiro, tento traçar um paralelo em como o movimento buscou tirar do futebol a sensação de “ópio do povo” (DAMATTA, 1982), num movimento de abertura política e redemocratização e de debate de ideias.

A pesquisa se iniciou por uma motivação pessoal, sobre a abordagem de um tema ainda tão atual, realizado por meu time predileto. No entanto, logo no início da investigação se evidenciou sua importância de retomar o debate da importância do esporte para a emancipação política e social dos cidadãos que com ele se envolvem. Colocando o esporte em seu lugar de destaque social, não somente pelo espetáculo, mas pela mensagem que pode ser passado por dele, e pelas transformações sociais que pode gerar. Se durante algumas décadas ele foi utilizado como forma de ascensão do movimento ditatorial, ele também pode se reverberar de maneira progressista, fazendo com que seja questionado os dogmas da sociedade e do universos esportivo, em que o paternalismo e a herança militar está muito presente. Com destaque ao esporte de maior visibilidade e adeptos a prática que é o futebol que traz consigo uma bagagem cultural que faz com que as instituições e autores do espetáculo se responsabilizem pela sua posição social de destaque e tragam para o debate temas pertinentes para área de necessidade da população.

Para alcançar esse objetivo, o trabalho se divide em capítulos, sendo o primeiro sobre o cenário político vivido durante os anos de ditadura militar até o início da retomada dos movimentos democráticos. Num segundo capítulo apresento o Corinthians, com uma breve abordagem de sua história até o momento da DC, contextualizando sua criação, sua relação com o movimento dos trabalhadores e o momento político brasileiro.

Trazendo esses aspectos históricos do Corinthians: seus fundadores, seu início e seu vínculo com as classes populares — pois o time teve suas origens em um bairro operário da cidade de São Paulo e se viu alheio às equipes de elite que faziam parte da classe futebolística. É essa história que faz com que o Corinthians se engaje tanto nessa nova maneira de se pensar, na qual era necessário trazer as inovações do mundo contemporâneo para dentro do universo esportivo, deixando de lado movimentos autoritários que se espalharam ao longo dos anos de ditadura militar, tanto no Brasil como em vários países do mundo.

E depois deste, o quarto capítulo sobre o método utilizado na elaboração do trabalho, que se pauta em uma pesquisa documental, em sequência está o capítulo que traz os resultados da pesquisa, com detalhes do movimento DC em seus anos de realização contando alguns pontos sobre como ele foi constituído, o que ocorreu, os principais autores, conquistas e conflitos, estruturado numa perspectiva cronológica. E, por fim, as considerações finais.

CAPÍTULO 2 – NOTAS SOBRE O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1980

A década de 1980 foi marcada por diferentes transformações no cenário político e social, com destaque para

Na segunda metade do século XX o Brasil é marcado pela ditadura militar, movimento que tomou o poder em 1964 e permaneceu no poder por mais de vinte anos. Suas ações atormentam até hoje milhares de pessoas que desejam uma reparação pelas angústias que passaram durante o período. [...] A ditadura não surge como o resultado puro e simples da ação militar na política. Bem mais complexo que isso, o regime autoritário sintetiza interesses civis, empresariais, dominantes durante o “milagre brasileiro” e em perfeita conexão com os interesses americanos durante a Guerra Fria”. (SILVA, 2005, p. 22).

Percebo como marco desse movimento a utilização do esporte, mais precisamente o futebol, como forma de propaganda política, essa interlocução dos dois é motivo de estudos atualmente. A parcela da população a favor da ditadura, utilizava da muleta do avanço da segurança e melhoria econômica para justificar seu apoio ao governo.

Durante o período de 1969 até 1974 o Brasil foi governado por Emílio Garrastazú Médici, general do exército, conhecido pelo autoritarismo, violência e apreço pelo futebol; comandante dos “anos de chumbo”, foi o grande responsável pela utilização do Seleção Brasileira de Futebol como ferramenta política, transformando-a em símbolo de um governo eficaz, sendo ela a protagonista da primeira copa do mundo televisionada. As fardas e o uniforme verde e amarelo caminhavam de mãos dadas durante esse período.

Figura 1: Médici e a Taça da Copa do Mundo de 1970



Fonte: Site Zona Curva (2020)

“Brasil, ame-o ou deixe-o” — emblemática frase — e a marchinha “Pra frente Brasil”, com a letra abaixo:

Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil, no meu coração
Todos juntos, vamos pra frente Brasil
Salve a seleção!!!
De repente é aquela corrente pra frente,
Parece que todo o Brasil deu a mão!
Todos ligados na mesma emoção,
Tudo é um só coração!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Somos milhões em ação
Pra frente Brasil, no meu coração
Todos juntos, vamos pra frente Brasil
Salve a seleção!!!
De repente é aquela corrente pra frente,
Parece que todo o Brasil deu a mão!
Todos ligados na mesma emoção,
Tudo é um só coração!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
GUSTAVO, MIGUEL, 1970
Fonte: Letras.mus (2020)

É possível detectar nessa marchinha, que embalou as campanhas publicitárias de apoio ao futebol e à ditadura, ganhando destaque o trabalho realizado pelo órgão responsável pelas relações públicas do governo, que construiu a imagem que se transmitia à população, imagem esta que escondia toda a criminalidade estatal que acontecia e se beneficiava da conotação positiva que os conceitos de pátria e futebol traziam. A conquista da copa já era esperada com um time que reunia Pelé, Tostão, Rivelino, Jairzinho e ficou conhecido como uma das maiores seleções de todos os tempos.

O envolvimento do então presidente Médici era tamanho, que antes mesmo do início da competição, um fato ganhou muito destaque. Notícias da época mostram como ele seria o

responsável pela demissão do então técnico João Saldanha, contratado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) contrariando todas as expectativas, pois esse era filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e tinha um gênio irritadiço — tentou interferir na convocação da equipe. Com isso, sai Saldanha e é contratado Zagallo, este segundo com influências militares, torna-se o responsável por comandar a seleção durante a Copa e firmar “de vez” o poder militar dentro da seleção.

A importância dada ao futebol nesse momento histórico é retratada de maneira precisa no filme de Roberto Farias, “Pra Frente Brasil”, lançado em 1982, em que o interrogatório de uma das personagens é paralisado no momento em que a Seleção Brasileira entra em campo durante um dos jogos da Copa do Mundo. Toda e qualquer tarefa parece perder a importância e relevância durante esses 90 minutos que determinam o sucesso ou derrota de um país inteiro. Damatta (1982) afirma que: “há, sem nenhuma dúvida, um temor que o povo leia a excelência futebolística como um drinque e, por ele embriagado, nada faça para mudar o sistema e o Brasil”, trazendo à tona a forma com que o discurso é colocado e repetido, podendo assim ser concebido como construção de uma identidade nacional vencedora, buscando uma forma de elevação de autoestima, pensando o futebol como forma de influência positiva nas ações cotidianas.

As vitórias, e por consequência a conquista do título, foram colocadas como uma representação social e consagradas pela criação de um feriado nacional:

Consumada a vitória, o governo explorou o tricampeonato através de todas as formas possíveis, procurando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a ‘unidade da diversidade’. Os responsáveis pela AERP não encontrariam maiores dificuldades para convencer as autoridades da importância do momento[...] Para os ligados mais diretamente ao governo, repetir o discurso oficial era fácil uma vez que bastava relacionar o desempenho da seleção ao momento de euforia econômico que se convencionou chamar de milagre. (AGOSTINHO, 2002).

Silva (2005, p. 29) ainda comenta que: “O que aconteceu na Copa do Mundo de 1970 não foi a colocação do futebol como véu, como ópio ou opacidade da dominação. Na verdade, foi a ditadura que “colou” na Copa do Mundo. [...] a ditadura conseguiu penetrar e “colar-se” na vitória, que foi de todo mundo, e se utilizou disso [...]”.

Mesmo que o autoritarismo “reinasse” em boa parte do Hemisfério Sul durante o século vinte, ainda este foi marcado por movimentos de redemocratização em diversos países. O processo de redemocratização devolve o poder ao povo, que estabelece os princípios do governo.

É neste cenário de desgaste dos militares no poder, junto à crise econômica que assolava o país – muito em função da política econômica implantada pelos militares, isto é, o ‘milagre econômico’ –, situações de violência e de violações dos Direitos Humanos – morte do jornalista Vladimir Herzog em 1976, um dos casos mais célebres de abuso do regime. Sendo assim, ‘a violência do opressor ganhou grande visibilidade na sociedade em geral [...] ações que propiciaram o firme controle da oposição defendido em nome da estabilidade também aumentaram a instabilidade’ (SILVA, 2013, p. 247), estabelecendo as condições para a reorganização dos grupos opositores dentro dos círculos políticos – MDB – e uma nova organização e maior voz das oposições de ‘rua’. (FARIAS, 2019, p.247).

Identifico esse cenário como alicerce para início da Democracia Corinthiana, que foi desenvolvida por diversos autores ao longo do período de cinco anos, durante esse percurso o movimento se conectou com o que ocorria no país naquele momento, tendo grande relevância no processo de redemocratização. “[...] atores sociais tradicionalmente marginalizados da cena política se colocam como protagonistas da mudança, assumindo a convicção de que poderiam promover a reorganização do sistema político e a superação da realidade a partir do restabelecimento das eleições diretas.” (OLIVEIRA; MARINHO, 2012 apud FARIAS, 2019, p. 28).

Permitindo que novos espaços com ações políticas fossem criados e desenvolvidos.

Em um momento de crise e distensão do regime, o futebol, como parte do terreno cultural, não pôde ser instrumentalizado pelo governo militar, cumprindo naquele momento um papel diverso. A própria crise do futebol, conforme já apontamos, dificultou a sua utilização pelo regime. Assim, “O futebol não conseguiu mais servir de reforço ao poder militar. Ao contrário, ele antecipava as fissuras que se abriam na ditadura. A mais significativa daquelas manifestações foi, sem dúvida, a Democracia Corinthiana (FRANCO Jr., 2007 apud DIAS; FARINA, 2016, p. 8).

O período de redemocratização ficou conhecido como Nova República, porém, é preciso salientar o que parece ser a utilização de vícios antigos, longe de ser uma ruptura com o momento anterior a nova era abrigou novos conhecidos do universo militar. Muito se discute dos arranjos políticos feitos pela classe dominante durante o período de redemocratização, para garantir o contínuo poder. Durante o período das “Diretas Já” o nome de João Baptista Figueiredo ganhou a anuência dos militares para fazer essa transição, porém, Tancredo Neves ganhou muito destaque no colegiado eleitoral para a sucessão presidencial, mas era combatido por uma esquerda que observava uma aliança entre civis e militares um pacto de transição.

Tragicamente o presidente Tancredo Neves faleceu em 1985, ficando a presidência do país sob a liderança do vice-presidente, José Sarney, que também possuía relações com o regime militar para poder alcançar o topo.

Foi durante esse período que buscou-se a mudança no panorama político por meio dos arranjos entre as classes dominantes que a Democracia Corinthiana já estava estabelecida, e que

poderia servir de combustível para as reivindicações da redemocratização brasileira, sendo possível ser feita por esse clube dado sua trajetória conforme será descrito no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 – O NASCER DO TIME DO POVO

A trajetória histórica do Sport Club Corinthians Paulista, revela nuances muito interessantes para esta pesquisa, e ela foi precedida por um contexto da própria história do futebol na cidade de São Paulo.

O final do século XIX e início do século XX foi marcado pelo crescimento da cidade de São Paulo, processo que se deu de forma desorganizada, pois o capital já detinha muita força na tomada de decisões. É possível notar no começo do século que novas práticas de lazer começam a ganhar força na sociedade, a vida social paulistana começou a ganhar corpo. Foi a partir desse movimento que atividades esportivas se tornaram recorrentes entre os moradores da cidade. Foram criadas diversas associações e clubes com objetivos sociais, culturais e esportivos (LAPEGI, 2020).

Nos primeiros anos do século XX muitos esportes se tornaram febre entre participantes e admiradores, era realmente algo que movia a cidade. Com o passar do tempo, alguns caíram no esquecimento, ainda assim, uma modalidade se destaca por ter encontrado um destino completamente diferente — importante pontuar que esta se destaca pela sua simplicidade.

Dados trazidos por Caldas (1994) revelam que, trazido da Inglaterra, “Charles Miller tratou de difundir-lo entre os ingleses residentes em São Paulo [...] os ingleses, altos funcionários da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway iriam aderir ao futebol”. O Futebol se tornou vício entre os paulistanos, formando seus primeiros clubes logo no início século XX e sua primeira entidade, a Liga Paulista de Foot-Ball (LPF), responsável pela realização do primeiro campeonato no final de 1902. [...] ‘aparelhamento político-racial do futebol pelas elites brancas’ (RIGO, 1996, p. 57).

Sendo assim, estruturou-se, em 1903, a primeira equipe de futebol no Brasil a partir dos “[...] aristocratas do café, da Associação Atlética Ponte Preta” (CALDAS, 1994 apud FARIAS, 2019, p. 30).

Há outras pesquisas que contestam esta, considerada como a “oficial” no campo de pesquisa da história do esporte, dado que a prática do futebol foi já encontrada em outras localidades do país, já no final do século XIX e início do século XX, especialmente em escolas e centros de ordem religiosa. Enfim, outros dados de pesquisas apontam que, por meio de uma história do futebol que apenas as instituições criadas pela elite paulista, nacional ou estrangeira, eram permitidas a participar desse campeonato, mesmo que a prática do esporte já estivesse difundida por toda cidade.

Apesar do impedimento de participar do chamado “futebol oficial”, a simplicidade em

sua prática permitiu a disseminação do esporte, pois um terreno plano, algumas pedras para marcar as metas e uma bola feita de meia e jornais já bastavam para sua realização. Percebo que, mesmo sem o reconhecimento da elite, que se achava detentora do direito de jogar futebol, e sofrendo algumas repressões devido ao estilo de jogo mais agressivo e emocionante, os clubes das camadas populares — chamados de varzeanos — surgiram.

É interessante notar que diversos esportes no começo de sua prática eram elitizados, simplesmente pelo fato de que as elites tinham fácil acesso ao que chegava de outros lugares e até mesmo aos jogadores. Até hoje esportes como Tênis são considerados de elite, mas como dito anteriormente, o futebol inverte essa lógica. Antes apenas os jogos “oficiais”, praticados pela elite, e seus jogadores ganhavam atenção da mídia, enquanto alguém de origem popular não conseguia ser mais do que espectador nas partidas disputadas pela LPF. A paixão pelo futebol foi se intensificando ao longo do tempo à ponto de lentamente ir diminuindo essa barreira existente entre as classes sociais.

A multiplicação dos clubes varzeanos criou uma disputa entre estes e os times da LPF. Tal aumento no número de equipes significava aumento no número de praticantes, e quanto mais pessoas praticam, maior a qualidade que se pode ter entre os jogadores. Com essas transformações é possível detectar uma mudança nas características de busca dos times de elite que já não buscavam apenas jogadores em uma camada social, mas sim fizessem a escolha baseada nas habilidades do jogador, independente de sua origem. A divisão de classe já não era mais um empecilho, o objetivo era apenas ter uma equipe capaz de ganhar das outras. Em contra partida, as equipes varzeanas tinham cada vez mais necessidade de participar das partidas e campeonatos oficiais.

Noto que a partir dessa mudança na dinâmica social de quem praticava o futebol que em 1910 foi fundado o Sport Club Corinthians Paulista.

Era 31 de agosto de 1910 cinco trabalhadores foram inspirados pela turnê do time inglês Corinthian Football Club no Brasil, que já havia vencido com facilidade o Fluminense carioca e o Club Atlético Paulistano, e nesse dia, cravara mais uma vitória sobre um dos grandes times paulistas da época: a Associação Atlética das Palmeiras. (SCCP, Conheça a história do. ANO DESCONHECIDO)

Às 20h30 do dia 1º de setembro, à luz de um lampião, na esquina das ruas José Paulino e Cônego Martins, no bairro do Bom Retiro, o grupo de operários formado por Anselmo Corrêa, Antônio Pereira, Carlos Silva, Joaquim Ambrósio e Raphael Perrone fundaram o Sport Club Corinthians Paulista. Com mais oito rapazes, foi formada a reunião dos primeiros integrantes e sócio-fundadores do Timão, que teve seu nome inspirado na equipe inglesa Corinthian-Casuals Football Club, que fazia excursão pelo Brasil. O presidente escolhido por eles foi o alfaiate Miguel Battaglia, que, já no primeiro momento, afirmou: ‘O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time’. Um terreno alugado na Rua José Paulino foi aplainado, virou campo

e foi lá que, já no dia 14 de setembro, o primeiro treino foi realizado diante de uma plateia entusiasmada, que garantiu: ‘Este veio para ficar!’ (SCCP, Conheça a história do. ANO DESCONHECIDO).

Figura 2: “Assim nasceu o Corinthians”



Fonte: Memorial Corinthians (2020)

A partir desse encontro ocorrido no dia 1/09/1910 outras reuniões ocorreram, conforme aponta Unzelte (2003, p. 41):

Nas primeiras reuniões, realizadas no salão do barbeiro Salvador Bataglia [...] o clube ainda não tinha nome. Foi quando um dos presentes, chamado Joaquim Ambrósio, sugeriu: “Por que não Corinthians?” Para diferenciá-lo do original, Miguel Bataglia, eleito o primeiro presidente do clube, completou: “Sport Club Corinthians Paulista”. Assim foi batizado o Timão, a 5 de setembro de 1910, quatro dias depois da data oficial de fundação.

Figura 3: “Sob a luz do Lâmpião de 1/9/1910”



Fonte: Memorial Corinthians. (2020)

As produções em teses e artigos sobre o tema têm mostrado um início de trajetória, um caminho percorrido pelo Corinthians tão impactante que foi capaz de promover mudanças na organização do futebol paulistano.

Logo após sua fundação, seus sócios-fundadores percorreram o bairro do Bom Retiro à procura de novos associados e de dinheiro para a compra de uma bola que seria usada nos treinos. Com o êxito na compra da bola e a aquisição de novos associados, foi designada uma força tarefa para capinar o campo que seria usado para treinamento da equipe.

De acordo com o portal Meu Timão, no dia 14 de setembro de 1910, após menos de uma semana da sua fundação, o novo clube da cidade teve seu primeiro desafio: um jogo contra a equipe União da Lapa, já conhecida no cenário urbano. Apesar da derrota pelo placar de 1 a 0, os relatos são de que a equipe do Corinthians fez uma ótima partida, impondo dificuldade para a outra equipe. A primeira vitória veio logo em seguida. Em seu segundo jogo, o Corinthians conseguiu o placar de 2 a 0 enfrentando a equipe Estrela Polar. Em seu terceiro confronto aplicou uma goleada de 5 a 0 em um time formado exclusivamente por estrangeiros,

o que trouxe festa para o bairro do Bom Retiro. Foi após esse terceiro confronto que o clube decidiu efetuar a compra de seu primeiro uniforme. Inspirado mais uma vez pelo time inglês Corinthian-Casuals, os uniformes comprados eram de cor bege com golas e detalhes em preto, porém, sem condições de comprar diversas peças, as roupas foram usadas até desbotar, ganhando assim as cores branco e preta — que vieram a caracterizar o Sport Club Corinthians Paulista.

Nos anos subsequentes a equipe alvinegra se consolidou, adquiriu novos torcedores e entusiastas, ganhou notoriedade nos periódicos locais, disputou partidas com times de outros estados... mas ainda era rotulado como clube varzeano. Seu crescimento foi tamanho que em 1912 já buscava se colocar entre os times de elite, pois de acordo com relatos da época nenhuma equipe de várzea era capaz de derrotá-la. Foi no ano seguinte que, após a desistência de um dos times da elite, ocorreram partidas com o intuito de preencher a vaga disponível, as vitórias do Sport Club Corinthians Paulista garantiram sua posição dentro das disputas da LPF.

A classe operária definia tanto o time quanto seus torcedores, o que fez com que a equipe ganhasse o apelido que, orgulhosamente, carrega até os dias atuais: “time do povo”.

Trago o destaque da entrada para a LPF, e como é possível notar os conflitos internos que gerou, pois era necessário se adequar aos ideais da elite para que fosse aceito entre os demais times, criando o impasse entre o que era preciso ceder para se tornar um clube profissional e a história de origem e ideal popular do time. Mesmo com todas essas questões, no ano de 1914 o Corinthians se sagrou campeão paulista pela primeira vez, segundo o site oficial do clube

Com 10 vitórias em 10 jogos disputados, o Timão marcou 37 gols e venceu a última partida por 3 a 0, contra o Lusitano, no Parque Antártica. O atacante Neco foi o artilheiro do torneio com 12 gols. O Alvinegro conquistou o Campeonato Paulista com uma rodada de antecedência. No dia 08 de novembro, a equipe derrotou o Campos Elyseos por 4 a 0 e sagrou-se campeã com a seguinte escalação: Aristides, Fúlvio e Casemiro González; Police, Bianco e César Nunes; Américo, Peres, Amílcar, Apparício e Neco. (CORINTHIANS, 2020).

Figura 4: “Operários, uni-vos! -Corinthians protestando em 1915”.



Fonte: Memorial Corinthians (2020)

Identifiquei na pesquisa que o ano de 1915, ano no qual a equipe buscava a participação na APAE, campeonato no qual estavam as melhores equipes, porém, não foi permitida sua participação, ao tentar voltar para disputar a LPF também foi proibido, o que culminou na situação de não poder disputar nenhum campeonato naquele momento (NEGREIROS, 1992).

Sua relação com a grande massa se estabelece nesse período a partir de “suas raízes populares, isto é, fundado por cinco operários e em um bairro paulistano (Bom Retiro), composto majoritariamente pela classe proletária; ótimo desempenho esportivo em seus anos iniciais, conquistando assim o apoio de seu bairro de origem e arredores” (FARIAS, 2019).

Antes de abordar o surgimento da torcida organizada Gaviões da Fiel e mostrar o motivo de seu surgimento é interessante destacar o movimento que começaria a ocorrer dentro do clube nas décadas subsequentes à sua criação.

Um movimento que possibilitou a comparação ou que traz consigo algumas características do movimento de oligarquia, como forma de comando dentro do clube. A oligarquia é uma forma de governo em que o governante governa para si próprio, muitas vezes caracterizada na história por famílias que detêm o poder (COUTO, 2012, p.57) define oligarquia “um regime organizacional no qual os indivíduos que detêm postos de comando conseguem agir continuamente de forma não subordinada aos princípios de legitimidade vigentes, pois não são controláveis pelos demais membros da coletividade organizada, podendo assim dirigi-la de

modo a favorecer seus próprios objetivos em detrimento do que desejam os demais e/ou do que são os princípios legítimos de funcionamento da organização.”

Dessa forma, posso pensar que ao acrescentar a falta de mecanismo de competição entre dirigentes também é um fator primordial para a criação e manutenção das oligarquias, muitas forjadas por meio de arranjos políticos, como aquele que Vicente Matheus irá tentar aplicar no ano 1981.

Chegando ao momento da criação da Torcida Gaviões da Fiel, uma passagem histórica na qual há fortes indícios de como a equipe do Corinthians trouxe a política para o futebol, mais uma vez trabalhando a intersecção das duas áreas.

Segundo Santana (2018) “[...] é bom lembrar que futebol e política continuam andando bem próximos [...] a despeito das tentativas de despolitizar o futebol, as torcidas seguem manifestando e repercutindo questões de ordem mais amplas da sociedade brasileira.” . A criação da torcida organizada mostra a clara relação intrínseca da sócio-política e esporte, como destaca Hollanda (2019), já que a Gaviões da Fiel foi criada na tentativa de combater um movimento oligárquico que ocorria dentro do clube que se perdurou até seu rompimento nos anos de Democracia Corinthiana, mas que voltam depois de seu fim.

[...] desde meados do século XX, o clube é tradicionalmente dominado por presidentes que se prolongam no poder, desde Alfredo Trindade (14 anos) até Wadih Helu (10 anos) e mesmo depois, com Vicente Matheus (18 anos). Configura-se, pois, aquilo que o cientista político Cláudio Couto (2017) chama com propriedade de “oligarquização” das associações desportivas, constitutiva de uma dualidade institucional que atravessa a maioria dos clubes, mas também as torcidas, que são, elas próprias, arremedos de organização clubística. [...] Para além do heroísmo nos discursos retrospectivos dos líderes dos Gaviões, há uma conjuntura concreta da vida do clube que desperta e leva à ação: a penúria de títulos [...] Neste contexto de “humilhação” para os rivais, era necessário da parte dos torcedores agir e pressionar por mudanças. [...] Esta se opõe ao modelo das bandas musicais, contratadas pelos clubes até então – no Rio de Janeiro, conhecidas como charangas. Sem a tutela dos clubes, narra-se a mudança de postura, da passividade ao protagonismo. (HOLLANDA; CANALE, 2019 apud FARIAS, 2019, p. 33).

Ao longo da pesquisa deparei-me com uma informação do curador do Memorial Corinthians de que o propósito de sua fundação era de buscar fiscalizar os comandantes do clube a respeito das melhores decisões para a instituição como um todo. Ali também ocorreu um questionamento ideológico a partir do momento em que se estabeleceu algum tipo de vínculo entre a agremiação e a direção do clube, levantando questionamentos sobre o ideal democrático, ao mesmo tempo que permitia um olhar mais próximo do que ocorria dentro do clube. Observo essa dicotomia durante a DC, com outros temas e questões, mostrando quão desafiador e contraditório pode ser um movimento democrático, pois mostra a ambiguidade das relações estabelecidas pelos deste. “O importante é chamar a atenção para a construção

narrativa de um clube, em paralelo à representação de uma de suas torcidas mais antigas e exemplares, que soube se transformar em uma organização popular autônoma, com vida própria, ainda que orbitando em torno do futebol (HOLLANDA; CANALE, 2019 apud FARIAS, 2019, p. 37).

Chegamos à década de 1980, na qual o movimento da Democracia Corinthiana surge e que é nosso objetivo de estudo.

CAPÍTULO 4 - MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e histórica, e do tipo documental, que segundo Lakato e Marconi (2009), ocorre quando a fonte de dados está restrita a documentos escritos ou não. Dentre os dados escritos estão documentos de arquivo público, livros, biografias.

Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo portanto atenção especial. (GODOY, 1995, p.21).

Dentre os documentos não escritos estão fotografias, documentários e imagens, gravações, mapas, filmes. Para essa pesquisa, a fonte primária documental foi a consulta aos documentos disponibilizados pelo próprio Sport Club Corinthians Paulista, tanto em seu site oficial como no Memorial Corinthians.

Assim, como fonte primária foi utilizado o site Memorial do Corinthians, por meio dos documentos disponíveis de maneira online e uma visita presencial que ocorreu dia 31 de outubro de 2020, com o acompanhamento de Cristiano Pereira (curador).

Figura 5 - Visita guiada da equipe de pesquisa ao Memorial Corinthians - Outubro de 2020.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2020)

As fontes secundárias para composição do trabalho foram dois livros que se debruçaram de forma específica com o movimento da Democracia Corinthiana, o “Democracia Corinthiana — utopia em jogo”, de Ricardo Gozzi com participação de um dos principais atores do

movimento, Sócrates; e “Democracia Corinthiana — práticas de liberdade no futebol brasileiro”, de José Paulo Florenzano que transformou sua tese de Doutorado em livro.

A análise dos dados realizada a partir de categorias à priori, segundo a proposta de Bardin (2011, p. 47), que indica que a análise de conteúdo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens

As categorias foram estabelecidas de forma cronológica, a partir dos anos que envolvem o processo de constituição e finalização do movimento da Democracia Corinthiana (de 1981 a 1985).

CAPÍTULO 5 – O MOVIMENTO “DEMOCRACIA CORINTHIANA”

A década de 1980 foi marcante na história do Sport Club Corinthians Paulista. Em 1977, a equipe conseguiu sair da fila de títulos que durou exatos vinte e dois anos, oito meses e sete dias, com o título do campeonato paulista contra a Ponte Preta por 1 a 0, gol do eterno ídolo Basílio. Mas no ano seguinte os eventos não se deram da mesma forma, na corrida pelo bi campeonato, o time acertou na trave.

O processo denominado Democracia Corinthiana, ocorreu durante os anos 1981 a 1985, pode até parecer que o movimento durou pouco tempo, mas durante esse período foi possível ver grande transformação decorrente dele. Quando abordo o tema: esporte de rendimento, sabemos que tudo depende dos resultados obtidos, nisso a DC também foi frutífera, além de mudar a concepção de gestão e de relações de trabalho, trouxe o resultado esportivo que garantia sua continuidade ano após ano, período em que seus principais autores estavam presentes no dia a dia do clube.

Durante todo esse processo foi possível notar um forte viés ideológico progressista que não estava presente no cotidiano do universo esportivo — muito pelo fato de que no período descrito o país vivia um regime militar, que já estava instaurado no país desde 1964, em que a conduta que se tinha no serviço militar era reproduzido em outras camadas da sociedade. Muitos dos atletas e dirigentes que participavam ativamente do futebol naquele momento tinham raízes militares, das quais o autoritarismo e o paternalismo são características predominantes. O futebol foi usado como ferramenta política para a promoção do governo vigente, tal característica é definida por Matta (1982) como "ópio do povo", a forma que as classes dominantes têm de desviar a atenção da população dos problemas básicos que há em nossa sociedade, algo muito presente em um momento de ditadura, em que a repressão é muito grande e as formas de censura estão em destaque. Era um momento em que o futebol não desempenhava o papel social de engajamento, era colocado como algo supérfluo.

Percebo que a Democracia Corinthiana foi um movimento criado e explorado por meio das relações que existiam dentro do clube. Com a eleição de um novo presidente, tirava-se do poder um oligarca que buscava se perpetuar a qualquer custo.

Em 1981 ocorreu a péssima campanha no campeonato paulista, que culminou na disputa da taça de prata (referente à segunda divisão, mas era possível jogar no mesmo ano a taça de prata e taça de ouro), e se a situação dentro de campo não era das mais favoráveis, fora dele não parecia muito diferente. No ano de eleição, o presidente Vicente Matheus estava há quase dez

anos à frente do clube, uma figura emblemática, responsável por diversas conquistas muito importantes. De natureza espanhola, mas apaixonado pelo clube, tornou-se sócio em 1934, vinte anos depois, em 1954, já era diretor de futebol do clube, e por fim, em 1959, chegou à presidência, de onde não quis sair. Por um período de nove anos, entre 1972 e 1981, foi presidente de forma ininterrupta. Conhecido pelo temperamento forte e gosto pela centralização do poder, Vicente Matheus se viu em uma situação delicada, nas eleições que aconteceriam em 1981 ele não poderia mais se reeleger. Buscando uma saída, indicou para o cargo seu atual vice-presidente, Waldemir Pires, como abordado por Florenzano (2003) e se colocou como vice com o objetivo de permanecer no poder.

A vitória de Waldemar Pires nas urnas trouxe uma euforia em Vicente Matheus que não durou muito tempo. Seu plano não saiu como imaginava, pois colocou no poder alguém que não tinha por característica a centralização. "O Matheus era meu vice-presidente, mas centralizava muito. Ele queria mandar como se fosse presidente. Então eu me vi obrigado a tomar uma atitude conta Pires." (SÓCRATES e GOZZI, 2002, p.45)

É possível perceber em Matheus uma grande insatisfação por não ter a liderança, o poder em suas mãos que o cargo de presidente detém, dando indícios do seu distanciamento cada vez maior da vice-presidência do clube até seu desligamento total. Para substituí-lo, Waldemar Pires convidou para o cargo seu então gerente de futebol Orlando Monteiro Alves, e para tomar o seu lugar, o último convida seu filho, o sociólogo Adilson Monteiro Alves, de 33 anos, formado pela Universidade de São Paulo (USP), torcedor e sócio do clube. Adilson nunca havia trabalhado antes em um cargo como esse, e sua primeira atitude foi recusar o convite, pois sabia como funcionava a dinâmica do futebol e os percalços causados pela posição.

Segundo Santos (1990, p. 100-101) com a demissão do técnico João Mendonça Falcão, foi possível a contratação de Mário Travaglini, como mostra a citação a seguir:

No Parque São Jorge, só um mandava (Vicente Matheus) e não havia oportunidades. Mas, passados uns dias, o Mário Travaglini foi contratado e eu recebi novamente o convite. Achei que um trabalho novo estava começando e resolvi participar. No início eu deixei bem claro que não admitiria servir de “testa de ferro” para meu pai e exigi que a presidência do clube me deixasse trabalhar com total autonomia no Departamento de Futebol, pois como torcedor eu sempre observei que havia muita coisa para ser mudada no futebol do Corinthians. Precisava de liberdade para colocar as minhas ideias, manter um esquema de trabalho. Não tinha nenhum grande plano, apenas três ideias básicas: 1º) Tentar fazer daquilo um grupo de amigos, unido e determinado, capaz de resolver dentro do plantel nossos problemas individuais e tudo em favor do coletivo; 2º) Fazer o possível para limpar aquela imagem do Corinthians Segunda Divisão. Precisávamos acabar aquele ano com uma vontade maior (estava todo mundo de cabeça baixa) e 3º) Montar um esquema de trabalho para 1983 porque nós éramos o Corinthians. Se tínhamos material de boa qualidade, por que a Taça de Prata? Uma coisa tinha que ficar clara para o grupo: o nome do Corinthians pesa muito

e alguma coisa teria que ser feita.

Percebe-se que desse modelo de ideias e forma de aplicação de suas funções que Adilson foi apresentado ao elenco corinthiano no dia primeiro de novembro de 1981, elenco este que já não tinha grandes pretensões no Campeonato Paulista. Em uma reunião que durou algumas horas, o novo gerente de futebol apresentou seu cartão de visita, nada tradicional, com um discurso inverso ao que era pregado pela grande maioria dos dirigentes do futebol, em que se propunha diminuir a distância entre comandante e comandados, segurando o livre debate de ideias em que todos os envolvidos começam a fazer parte do mecanismo de decisão, desmistificando a ideia da pirâmide hierárquica vertical. Adilson entendia a profissão de jogador de futebol como outra qualquer, na qual há direitos e deveres a serem seguidos e era de suma importância a participação dos jogadores, os autores, nas decisões que pertenciam ao universo do jogo. “É fundamental que o jogador ocupe o espaço que lhe cabe na sociedade enquanto cidadão” (SANTOS, 1990, p. 102), diz Adilson.

Esse discurso proferido por Adilson irá ao encontro a nova mentalidade que estava em construção, de saber o contexto que os envolve e humildade de aprender. Tal discurso foi o suficiente para que o sociólogo conquistasse um de seus maiores aliados em todo período à frente da direção de futebol do clube, Sócrates, que vai de encontro a afirmação feita por ele em tom de felicidade afirmou: “Ele é um dos nossos” apontada por (FLORENZANO, 2003, p. 209). Wladimir, jogador que mais vestiu a camisa do Corinthians na história e um dos jogadores profissionais mais engajados durante o período da Democracia Corinthiana descreveu a chegada de Adilson da seguinte maneira:

Eu costumo dizer que a grande virtude do Adilson foi assumir o Corinthians sem ter conhecimento nenhum de futebol. Quem é que ele chamou para estar conversando e está se esclarecendo sobre as coisas do futebol? Os atletas. Ninguém mais que os atletas. [...] A gente juntou a fome com a vontade de comer. A disposição nossa de estar participando ativamente na vida política do clube e a disposição de alguém da diretoria com essa abertura de estar ouvindo e indo de encontro aos nossos anseios. (REGIS, 2004, p. 107).

Podemos colocar essa data como um marco fundador da “Democracia Corinthiana”, pois colocou frente a frente os autores dessa mudança, que transformaria o paradigma do futebol brasileiro.

Nota-se que num primeiro momento, logo nos primeiros jogos o desempenho dentro de campo não era bom, a insatisfação da torcida estava crescendo, o descontentamento de atletas devido aos seus contratos era grande, mas os primeiros passos da abertura política estavam

acontecendo — de maneira silenciosa, sem alarde, sem a anuência da imprensa — transformando aos poucos as relações de trabalho; os jogadores começaram a ver nas atitudes do dirigente uma postura que foi apresentada semanas antes, a luta para se colocar em prática o projeto autônomo que estava sendo implantado e conseguir fazer com que a marca “Corinthians” atingisse patamares internacionais. Houve indícios da demora para que os demais jogadores entendessem que aquilo era um movimento que os tirava da zona de conforto e os colocava em situação de decisão, e que a função disso era torná-los agentes do processo, processo este que era para eles e que pertencia a eles exclusivamente. Era a busca por dar o poder a quem realmente está na ação, colocando no mesmo patamar os dirigentes e dirigidos.

Porém, isso pareceu ser complexo, pois não colocava na equação as necessidades e desejos do clube, algo que mais na frente viria a trazer problemas para o movimento, já que em algum momento se cria o conflito de interesses entre os autores do processo e a instituição, ao mesmo tempo que está, sabendo o que acontecia dentro do clube, buscava alinhar seus desejos aos desejos deste.

A chegada de Travaglini no final de 1981 representa bem o novo pensamento implementado dentro do clube. Um homem que valorizava o ser humano, conhecido por ser liberal, por não precisar da autoridade para se impor dentro do vestiário. Foram esses conceitos que trouxeram à tona uma identificação entre técnico, clube e jogadores. Uma sinergia imprescindível para os próximos passos do movimento.

5.1 – 1982

O ano de 1982 iniciou com novas mudanças e novos atores entraram em cena. Falarei do atacante que regressara há pouco ao clube após empréstimo a equipe da Caldense durante 1981: Walter Casagrande Júnior, personagem crucial durante a Democracia Corinthiana. A princípio ele precisou ser convencido por Adilson para permanecer na equipe e ver o novo momento que se passava no Parque São Jorge. O primeiro lembra:

Casão um acordo seu comigo, faz um contrato de três meses, você vai ver como vai ser isso aqui. Se você não gostar eu te libero, mas você não pode ir embora sem saber quais sejam os meus planos’ Fiquei três meses, renovei o contrato, o trabalho foi do caralho, vi que aquilo era o negócio que eu queria, era o meu sonho, jogar futebol e ter liberdade para participar política, social, para poder pensar e agir do jeito que eu queria, não sendo como o jogador de futebol que tem que fazer o que os outros querem que você faça. (REGIS, 2004, p. 108).

Após uma série de registros, gostaria de destacar alguns perfis e alguns protagonistas

que marcaram e deram força para esse movimento: O jovem Casagrande, dos cabelos longos, o modo de vida rock n'roll e ideias liberais; a chegada do técnico, Travaglini o comandante liberal que faltava; Wladimir, jogador com mais jogos vestindo a camiseta do Corinthians, defensor das causas raciais; Adilson Monteiro Alves, diretor de futebol e percursos dos debates. Por fim, é necessário invocar aquele apelidado de Doutor, devido sua graduação em medicina e sua visão de futebol, dono de um QI elevado, utilizava dessa característica para suprir sua falta de preparo físico para enfrentar o futebol moderno, uma figura marginal, exótica no cotidiano do futebol: Sócrates.

A relação de Sócrates com o Corinthians se deu anteriormente ao movimento. Com uma jogada maestral, o presidente Vicente Matheus passa o São Paulo para trás e adquire o passe do jogador do Botafogo de Ribeirão Preto. Seu começo na equipe não foi dos melhores, principalmente por seu estilo mais boêmio e suas opiniões fortes e convictas. Não demorou muito para marcar o primeiro gol pela equipe alvinegra, logo em seguida levou seu primeiro título, em menos de um ano se sagrou campeão paulista de 1979. A partir de então entrou de vez no coração da fiel. Os registros passagem de altos e baixos, muitos dos questionamentos que levantaram ao seu respeito têm relação com seu engajamento máximo na Democracia Corinthiana, na redemocratização nacional e na tentativa de unir a classe dos jogadores de futebol.

Descritos os principais autores dessa ruptura no modelo de administração e relação dentro do clube, tratarei do funcionamento da Democracia Corinthiana, começando com uma notícia publicada pelo Jornal do Brasil em 1982, com assinatura de Solom Campos, intitulada “O novo Corinthians é unido e político”. Nela, Adilson Monteiro Alves, diretor de futebol do time, diz o seguinte:

Futebol se joga mais com a cabeça do que com os pés. [...] realmente desenvolvemos no Corinthians um trabalho democrático, novo, mais livre, sem autoritarismo, com a participação de todos. [...] Ao contrário do que acontecia na época de Vicente Matheus, procuramos não centralizar o poder. As decisões passaram a ser tomadas por todos, médicos, enfermeiros, roupeiros, técnico, preparadores físicos, massagistas, dirigentes e jogadores. [...] Fazemos reuniões em grupo, tomamos opiniões das bases, ouvimos realmente gente que entende de futebol. Nossa meta é transferir a cada um a responsabilidade do trabalho e acabamos com o paternalismo. O jogador de futebol geralmente é visto por dois extremos: como uma criança, ou como bandido. Para nós, o jogador é um trabalhador comum, mas de um talento diferente, um artista. (BETTINE et al, 2018).

Já, em outro momento, Sócrates narra que:

Era uma coisa de pleno exercício da democracia, até que em muito pouco tempo

começamos a exercer o voto. O voto caracterizou bem toda a questão. O voto era unitário, então todos nós tínhamos o mesmo peso, inclusive o representante do clube. Fundamentalmente foi isso, um sentimento que já existia com uma oportunidade e com pessoas que tinham a mesma cabeça e habilidade. (REGIS, 2004, p. 116).

Dentro dessa lógica havia espaço para a apresentação de pontos de vista, de maneira individual e a decisão de maneira coletiva, criando uma relação direta do atleta com sua realidade de trabalho, exemplificada pela opinião de Wladimir:

A gente votava sobretudo. A gente votava sobre concentração, a gente votou sobre que dia viajaria para o RJ contra o Fluminense, nós votamos para treinador. A essência da Democracia Corinthiana era a consagração pelo voto da maioria. Era uma democracia direta, cada voto era um voto importantíssimo. Motorista, roupeiro, todos que faziam parte do grupo. Isso nos dava um prazer enorme e nos possibilita uma consciência maior e uma responsabilidade maior daquilo que a gente queria. (REGIS, 2004, p. 116)

Nesse momento entra a figura de Sócrates, o líder do movimento, a pessoa mais engajada em tornar o jogador um agente social, pois ele via ali também uma luta de classe, em que os jogadores precisavam se unir para buscar melhores condições de trabalho que visavam desde a melhoria em sua remuneração, até questões do cotidiano, como a concentração para jogos. Percebo que foi a partir dessas reivindicações que o movimento se pautou. A partir de debates e discussões, as ideias eram colocadas na mesa, e pela votação direta, em que todos tinham o mesmo peso, eram definidas as questões

Essa nova faceta apresentada aos jogadores demorou a engrenar, não é fácil mudar o cotidiano de um grupo de um momento para o outro, isso significava tirá-los da zona de conforto, colocá-los em diálogo com os demais, a formação de opinião, a definição de responsabilidade. Era necessário entender tudo isso para que as ideias fluíssem.

Pode -se notar que falar de liberdade e responsabilidade no universo do futebol era (e parece ainda ser) algo quase impossível, pois isso trazia uma consciência diferente para o atleta, fazia com que ele pudesse exercer seu direito de pensar e se expressar, algo pouquíssimo visto no ambiente do futebol, conhecido por ser um hierarquizado, com o poder centralizado nas mãos de uma minoria que muitas vezes faz o que bem entendem com o clube.

Havia uma sociedade anônima denominada “Cardeais da bola”, que se perpetua no poder por muito tempo, com perfil paternalistas ao não tratar os jogadores como indivíduos autônomos, com desejos e opiniões, impedindo-os de tomar suas próprias decisões. Muitos jogadores veem no futebol uma oportunidade de enriquecer, mas sem pensamento crítico são facilmente convencidos por ideias rasas, que muitas vezes iludem. Situação alienante pelo fato de pouco se questionar a respeito das relações de poder que existem dentro do ambiente

futebolístico. A falta de opinião, muitas vezes pelo medo da repressão, também é algo que atormenta a classe dos jogadores. Não há engajamento para a melhoria de condições de todos como unidade, sendo que apenas 1% ganha visibilidade, mesmo que existam milhões que precisam de atenção e cuidado.

Sócrates detalha como foi essa busca pelo rompimento com esse modelo retrógrado dentro do vestiário:

Essa [concentração] nós passamos no mínimo uns oito meses, era um processo político interno. Fiquei oito meses para conseguir maioria. A maioria dos jogadores era a favor da concentração, ela é muito boa para o atleta, é uma instituição que preserva o atleta da opinião pública. O mau profissional tem liberdade absoluta de fazer o que ele quer, até hoje é assim, menos às vésperas das partidas. O que eu queria colocar é que nós temos que ter responsabilidade todo dia, toda hora, todo segundo. Não importa o que faz, importa que seja responsável por aquilo que você faz, não só na véspera das partidas. Tinha um que passava cinco dias acordado e os dois, dentro da concentração, dormindo. Nós queríamos era quebrar esse vício que não serve para porra nenhuma, na verdade. Só para preservar em relação a opinião pública. Você pode levar a namorada e pôr no hotel, pode levar whisky na sua bolsa se quiser, quem vai ficar olhando mala de jogador. (REGIS, 2004, p. 118).

As mudanças já ganhavam destaque, nota-se nos primeiros meses de 1982 a crônica esportiva paulista salientando o estilo de jogo aplicado pelo Corinthians, ali havia algo diferente de tudo que se via no futebol até aquele momento, um período em que o futebol-força¹ ganhava destaque entre os técnicos. Antagônica a essa ideia, a equipe comandada por Travaglini priorizou a técnica por meio do futebol-arte², dando aos jogadores mais liberdade, tais conceitos de futebol são levantados por Giglio (2003). Como contou Wladimir, ao jornal Gazeta Esportiva: “Sem medo de errar, eu diria que esse Corinthians de hoje é o mais técnico de todos os 9 anos que aqui passei como titular.” (FLORENZANO, 2003, p. 187). Os estilos de jogo também refletiam nos atletas e nas relações de categoria, revelando uma luta de classe, sendo que muitos futebolistas ligam a classe social e a maneira que se pratica o esporte.

visão de mundo do futebol é produzindo uma espécie de revide histórico, pois se, outrora, a suposta ausência de raça tinha sido imputada pelas elites nacionais à pobreza e negritude dos jogadores, agora, estes invertem o argumento, atribuindo a ausência de garra à presença cada vez maior de brancos e burgueses nos gramados. (FLORENZANO, 2003, p. 164).

¹ Futebol-força: futebol de combate, veloz, viril, em que destruir jogadas é o que torna o jogo eficaz.

² Futebol-arte: remete a rotação de bola, cadência nas jogadas, movido pelo princípio de deixar jogar, dando autonomia ao jogador.

Sem qualquer tipo de problema, Sócrates tomou sua posição. Reconhecia suas origens, porém não abria mão de suas características, rompendo mais uma vez com a tradição que lhe era imposta; tinha uma visão única sobre futebol, consciência do seu protagonismo dentro de campo e da necessidade de não trocar emoções com torcedores, para não se transformar em um, parecia haver uma conciliação entre um “jogo intelectual” uma vez que ele entendia seu papel dentro de campo com a paixão e garra que lhe cabiam.

Nos primeiros meses de 1982 que a união do grupo de jogadores ganhou destaque, podendo levantar a suposição de que seria uma das fórmulas para o sucesso dentro de campo. Sendo imprescindível para o bem estar no dia a dia de trabalho e na busca por conquistas esportivas, era nesse contexto coletivo, no qual existe diversidade de opiniões onde o debate de ideias acontece e existe a liberdade de se manifestar, que o processo democrático era construído. “[...] A ascensão irresistível de uma equipe cujo futebol, fruto da confluência entre garra e a técnica, contrariava os prognósticos, surpreendia os críticos e envolvia os adversários com jogadas geniais, deixando o público nos estádios a beira do êxtase [...]” (FLORENZANO, 2003, p. 204 e 205).

O contexto explicitado anteriormente foi mantido até a semifinal da Taça de Prata contra o Grêmio. Se nas quartas de final o goleiro César, então reserva do time, teve duas partidas de muito destaque, garantindo a classificação; na semifinal não conseguiu repetir a atuação de gala das rodadas anteriores, o que culminou na desclassificação da equipe. Como se não bastasse a decepção com o resultado dos jogos, caberia a Rafael, ex-goleiro do clube e desafeto da DC, com suas manifestações favoráveis a Vicente Matheus, “acabar” com a imagem de grupo unido. Acusou a comissão técnica e jogadores de permitir que um atleta jogasse machucado e impedir sua entrada na partida, partindo do pressuposto que ele poderia entregar o jogo de maneira proposital para atrapalhar o movimento que acontecia dentro do clube. A decisão de manter César no gol foi definida por todos a partir do voto, seguindo o argumento levantado acima.

É sabido que dentro de elencos de equipes de alto rendimento sempre existirão competições internas, bem como conflitos. Sendo assim, a verdadeira questão imposta por esse episódio é a forma adotada internamente pela instituição para resolver o assunto.

Antes a solução estaria a cargo do comandante, seguindo a hierarquia já estabelecida, atribuindo ao técnico (comandante) o discernimento para escolher os melhores atletas para a partida.

Imputando-lhe o dom de decidir com imparcialidade, isto é, de modo a utilizar critérios estritamente objetivos nas decisões adotadas, a organização hierárquica acredita deter a solução para o problema da competição entre atletas silenciando os

conflitos mediante a imposição da disciplina hierárquica. (FLORENZANO, 2003, p. 209).

Pelo simples fato de não seguir mais esse modo, percebo que o processo democrático estava a todo vapor, de modo a superar o regime manda-obedece. Pode-se observar isso na fala de Rafael, que responsabiliza o treinador pela omissão na escalação: “Quem é que deveria ter assumido as rédeas? O treinador, pô!” (FLORENZANO, 2003, p. 209). Enquanto a imprensa esportiva colocava na conta de César a eliminação, os jogadores buscavam passar panos quentes, tratando como uma infelicidade do arqueiro, deixando claro a posição do grupo em relação à sua decisão antes da bola rolar.

A partir desse episódio identifico que é possível perceber a nova maneira de se comandar a equipe alvinegra, era nítido que as novas ideias já faziam parte do cotidiano do time.

Fazendo-me questionar a respeito de como seriam tratados aqueles que não apresentam um papel de engajamento, ou até mesmo dos semelhantes ao goleiro Rafael contrários ao movimento? O grande destaque dos opositores chegaria na forma de Emerson Leão em janeiro de 1983, também como goleiro do Corinthians, mas antes falarei daqueles que já frequentavam o vestiário em 1982.

É perfeitamente pertinente que haja críticas levantadas contra a DC, pois em todo processo democrático há tensões e por vezes contradições, ou conflitos devido à divergência de opiniões, estas vindas de um passado em ambiente militarizado, refém do autoritarismo, de forma a tornar o futebol um braço desse modelo de soluções baseado na força como regra para elencos e jogadores. A DC teve seus apoiadores e seus opositores. Muitas das críticas levantadas vinham da imprensa conservadora através do Jornal da Gazeta Esportiva, que em suas páginas de jornal buscava deslegitimar o movimento, via naquilo uma afronta ao modelo instaurado dentro da sociedade, e, por consequência no futebol, e desdenhava do poder que existia ali dentro. Ao mesmo tempo, uma pequena parcela, incluindo a mídia representada pela Revista Placar e em alguns momentos a Folha de São Paulo, que passeou entre favoráveis e desfavoráveis de acordo com o momento que estava o movimento, observava naquilo uma oportunidade de mudança e de desgaste do modelo vigente, era o início de uma mudança de mentalidade.

Parecendo que tal fato havia feito com que os jogadores corinthianos fossem retirados de sua zona de conforto e colocados a pensar, exigindo de cada atleta a coragem de passar por uma transformação, de autoconhecimento, reflexão e autonomia dentro do ambiente que já estavam inseridos, cabendo a cada um se engajar menos ou mais da maneira que bem lhes

convinha nas ideias levantadas pelo grupo.

O objetivo não era “forçar”, mas sim tornar possível o desenvolvimento e possibilidade de fala.

Mauro, zagueiro corinthiano, retrata bem o que foi o início do movimento para grande parte dos jogadores, que se viam envolvidos naquilo de uma maneira ou de outra, pois o sucesso ou fracasso da Democracia caíram também sobre suas contas também, moldando-os ao novo modelo de gestão implantado no clube.

Todo mundo participava das reuniões, nem todos falavam... O Biro, era que nem eu, que nem Ataliba, que nem Vagner, certo! A gente fazia nosso trabalho, porque a gente procurava não se envolver muito. A gente era os que trabalhavam... tipo aquelas formiguinhas operárias... (FLORENZANO, 2003, p. 214).

Dentro de um modelo democrático que estava em desenvolvimento é necessário conscientizar seus participantes da necessidade de se colocar, de apresentar suas visões e seus pensamentos sobre determinado assunto. Porém não é simples trazer essa conscientização para pessoas já formadas, em que o medo de uma represália é constante. Muitas das vezes foi mais cômodo seguir a multidão, algo comum nas primeiras discussões. Foi necessário mostrar que aquele ambiente era o espaço que teriam essa liberdade e era bom aplicá-la.

A eliminação da Seleção Brasileira — repleta de craques, com o jogo bonito — para a Itália na Copa do Mundo de ‘82 ficou marcada com uma das maiores decepções de todas as copas, como mostra matéria divulgada do site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF 2017) e destaque de periódicos dos momentos que apostaram todas as fichas nessa seleção. A vitória era crucial para contrariar a ideia de jogadores-máquina, que ganhavam cada vez mais adeptos e mais notoriedade no meio futebolístico.

Se dentro de campo a tristeza era grande, fora dele a preocupação era ainda maior, o Brasil vinha de uma grave crise econômica, com uma grande recessão e inflação, o que afetava demais os caixas dos grandes clubes, que precisavam cada vez mais adiantar receitas para pagar as contas (como diz o velho ditado: vendendo a janta para comprar o almoço). Não era diferente dentro do Corinthians, que buscavam novas formas de receitas para conseguir custear o futebol. Durante esse período, o clube, que já buscava se modernizar, viu a oportunidade de receber um aporte financeiro por meio da publicidade no uniforme, algo nunca antes visto no Brasil, e que incomodou demais os cardeais do futebol, que buscavam deixar imaculados os uniformes, mesmo que isso significasse o retrocesso do clube. A liberação desse tipo de propaganda ainda era objeto de discussão e oposição em demasia. Também havia a mudança de dinâmica

empresarial, trazendo mais os conceitos de clube-empresa.³⁾ No que diz respeito ao modelo de gestão essa abordagem foi eficaz, mas não se pode esquecer que uma empresa visa o lucro, algo que poderia conflitar com o modelo de autogestão. no caso do futebol o lucro são as vitórias e os títulos, logo algo que também poderia beneficiar a Democracia Corinthiana.

Quando abordamos o modelo empresarial que o Corinthians buscava atingir, estamos falando do modelo administrativo dentro do clube, como bem lembra Adilson: [...] É a administração do clube que tem que ter essa visão empresarial, mas só o setor administrativo, não o dirigente de futebol. (SANTOS, 1990, p. 105).

Em meados de 1982 o Corinthians tinha um acordo adiantado com Bradesco para fechar um patrocínio de 12 meses, algo histórico para o momento, que contava também com o apoio da base da DC, que já observava na possibilidade de novas receitas a chance de reivindicar sua melhora nas condições econômicas oferecidas em contrato. Isso seria um grande avanço para os profissionais da bola.

A partir dessa descrição detecto um paralelo com o que acontece até os dias atuais, em que os profissionais da bola buscam uma equidade, em que os ganhos muitas vezes são elevados, mas a divisão deles é feita de maneira a priorizar aqueles que já estão ganhando.

Não bastasse ter que enfrentar o sentimentalismo do torcedor não adepto a mudança, a oposição, encabeçada pelo vice-presidente Vicente Matheus, também utilizou de sua força política para atrapalhar o acordo já pré-selado. A partir do presidente do Conselho Deliberativo foi determinado um comício para investigar possíveis irregularidades no contrato com o Bradesco. Foi nessa reunião, madrugada adentro, que Matheus arquitetou o impeachment do então presidente Waldemar. Um tiro pela culatra. Sem o apoio que tinha anos antes, sem o número mínimo de conselheiros para realizar a ação, com grande parte da torcida protestando, com as estrelas do elenco colocando seus cargos à disposição caso o golpe acontecesse e a oposição de imprensa progressista que o colocava como inimigo do clube, o plano de Vicente Matheus foi por água abaixo, mas com ele também se foi o patrocínio do Banco Bradesco, que desistiu do acordo. “O despacho do juiz invalida a reunião convocada por Mário Campos para votar o impeachment de Pires, dentre outras razões, porque se exigia “para discussão do tema uma convocação especial a todos os conselheiros do clube. Não foi o que aconteceu.” (SÓCRATES e GOZZI, 2002, p.102).

O abalo por não fechar o negócio com o Bradesco não abateu Adilson Monteiro Alves, que em mais uma tentativa de modernizar o departamento de futebol trouxe para o marketing

³ Clube-empresa: nomeação dada a ideia de se transformar o clube em uma empresa.

Washington Olivetto, publicitário renomado, corinthiano trabalhou de maneira gratuita para o clube, responsável por desvencilhar a imagem do clube com o antigo modelo de gestão que existia, dando ênfase ao modelo democrático que estava em plena ascensão.

Ele explorou principalmente o início da disponibilidade de se fazer publicidade no uniforme. Me parece que se a oposição dificultava a aquisição de novos patrocinadores por meio de jogadas políticas, a equipe utilizava da nova ferramenta como forma de publicidade social.

Figura 6: “Publicidade social estampada no uniforme da equipe do Corinthians”



Fonte: Memorial Corinthians. (2020)

As camisetas foram usadas, também, como forma de conscientização da população nacional, por exemplo quando tratou de algo crucial que é o voto, ao colocar escrito nas vestimentas “Dia 15, vote”.

Figura 7: “Dia 15/11/1982 é dia de eleição”.



Fonte: Memorial Corinthians (2020)

O uniforme dava o tom de engajamento que o movimento tinha com o momento político que estava se desenvolvendo naquele momento.

O momento político, de redemocratização do país após mais de duas décadas sob regime militar, favorecia o surgimento de movimentos como a Democracia Corinthiana. Ainda em 1982, enquanto não teve patrocinadores, o time levou estampada na camisa a seguinte mensagem: ‘Dia 15 vote’. Um apoio às primeiras eleições diretas para governadores realizadas no Brasil desde 1966” (UNZELTE, 2008 apud DIAS; FARINA, 2016, p. 9).

Possível notar que tal ação de utilizar o uniforme como forma de propaganda, junto com o movimento que já estava em curso fez com que os olhares de Brasília se voltassem para equipe, fazendo com que a censura fosse colocada em prática, o que exemplificou como o movimento estava atingindo proporções nacionais e incomodando aqueles que estavam no poder e não queiram cabeças pensantes

Uma das ações propostas logo de cara é a utilização do personagem Sócrates como garoto propaganda. Carismático, o doutor já sabia que daí poderia vir uma nova fonte de receita em sua composição salarial, seguindo o mesmo princípio do patrocínio feito ao clube.

Foi em uma dessas ações que a alcunha de Democracia Corinthiana foi forjada. Era uma noite de debate na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), contando com a presença de Sócrates, Adilson, Washington e Juca Kfoury, quando o último proferiu algumas palavras do que ele observara no Corinthians: “[...] se os jogadores continuarem a participar das decisões no clube, se os dirigentes não atrapalharem e se a imprensa esclarecida apoiar, veremos que aqui se vive uma democracia, uma democracia corinthiana.” (SÓCRATES e GOZZI, 2002,

p. 11). Porém ela só foi utilizada para nomear o movimento nas eleições de 1983 quando Waldemar buscava sua reeleição. A história da “forja” do nome é lembrada por Juca Kfoury em entrevistas concedidas até os dias atuais.

Não foi somente no marketing que Adilson buscou a modernização, dentro da comissão técnica isso também iria acontecer com a chegada do psicólogo Flávio Gikovate que tinha a missão de eliminar qualquer tipo de risco de descontrole emocional que pudesse colocar em risco o bem estar do grupo. Com a chegada desse novo membro, Adilson foi incisivo em dizer a importância da nova aquisição do clube, pois futebol não se joga apenas com os pés, mas com a cabeça também. Segundo os autores Brunoro e Afif (1997, p. 106) a psicologia do esporte serviria com a “função de regular as interferências, produzindo a recuperação de atletas desmotivados e a diminuição de casos de indisciplina.”.

As novas contratações mostram um foco principalmente no extracampo, demonstraram a preocupação da direção de futebol do clube em dar valor à ciência aplicada ao esporte, buscando cada vez utilizar a racionalidade nas decisões que se refere ao futebol do clube, preparando o elenco na tentativa de blindar as ideias que estavam sendo colocadas em prática, como uma forma de legitimar o que estava sendo feito, e não dar brecha para a crítica utilizar o movimento como “bode expiatório”.

Os últimos momentos do ano vinham se aproximando, o modelo de gestão descentralizado aplicado estava cada vez mais noticiado pelos veículos de imprensa — foi nessa toada que o Corinthians chegou à final do Campeonato Paulista de 1982 (em dois jogos os corinthianos venceram o São Paulo e garantiram o título daquele ano). E não poderia ser diferente, aquele título fez com que o debate do que estava acontecendo no Corinthians ganhasse maior aprovação. A imprensa, parece ainda não definir qual posição tomar, parabenizando o alvinegro pelo título, mas alerta para o papel que os jogadores têm que ter, tentando ao máximo dissociar o papel científico e político debatido e aplicado no clube do modelo do futebol brasileiro.

Se fora do vestiário a felicidade pela conquista parecia ser tamanha, como percebo em imagens da época, dentro o sentimento de dever cumprido parecia ser igual, mesclando-se com o sentimento de que seria possível fazer mais, como conta Gozzi (2002) em uma passagem do seu livro. A partir dessa vitória que um dos assuntos mais debatidos em torno da DC começa a ganhar força para ser aplicado. Era o início do fim da concentração para jogos, ruptura com o futebol arcaico, militarizado, um golpe para muitos críticos que durante décadas colocaram os atletas como profissionais irresponsáveis, incapazes de se cuidar. Wanderley Nogueira descreve nas páginas de A Gazeta Esportiva:

É bem possível que o campeão paulista deste ano elimine as concentrações, determinando que os jogadores se apresentem no dia do jogo, pela manhã, num hotel ou mesmo no clube. Conversarão, almoçarão e jogarão. Sem exageros, sem cuidados militares, sem espionagem... (FLORENZANO, 2003, p. 285).

Figura 8: “Vitória da democracia - 1982”.



Fonte: Acervo Memorial Corinthians.(2020)

As figuras 8 e 9 trazem a forma com que uma parte da imprensa da época classificou a vitória e por consequência a conquista do título⁴ da equipe alvinegra, era a premiação e o que o movimento precisava para ganhar legitimidade, os veículos buscavam traçar um paralelo sobre a vitória e a abertura política que estava estabelecida, deixando no ar a mistura de sentimentos que existia após um título, vindo com ela uma representatividade que se aliava ao movimento e seus atores. Trazendo muito destaque a Sócrates e a que ele tem a dizer sobre o movimento e sobre a mudança de postura institucional que foi promovida durante o ano.

Baseando-se no modelo já aplicado, tendo ao seu lado a ciência do esporte como alicerce, cabia agora aos jogadores demonstrarem que estavam aptos a esse tipo de prática, e era bem aí que a crítica batia na tecla. Como confiar que o atleta não iria jogar por água abaixo

⁴ Título do Campeonato Paulista de 1982, vencido em cima da equipe do São Paulo.

tudo o trabalho feito dentro das práticas de ciências do esporte com tal liberdade? Tal questão não era de suma importância, naquele momento o objetivo era permitir que aqueles que faziam parte do movimento pudessem focar não somente no futebol, mas também se engajar em questões sociais e políticas, em que era necessário o jogador colocar o uniforme de cidadão, tirando do atleta a obsessão criada pela vitória a todo custo proposto pelo esporte de rendimento, ampliando as esferas sociais, ampliando a busca por novos objetivos. A vitória de 1982 é colocada por Florenzano (2003) como uma oportunidade de debater o abismo entre o corpo e a alma.

Figura 9: “Campeão democrático (1982) - no Corinthians se tem liberdade e títulos”.



Fonte: Acervo Memorial Corinthians. (2020)

Tal processo começou logo após que Sócrates assinou sua renovação, onde exigiu uma cláusula que o desobriga a comparecer nas concentrações. Tal regra foi ampliada primeiramente para parte do elenco que era casado, e depois ao grupo inteiro. Mas todo movimento tem seu antagonista e ele estava prestes a desembarcar no Parque São Jorge, como será descrito no próximo ano deste movimento.

5.2 – 1983

A virada de ano representou o aumento da confiança no movimento e a segurança de que novas ideias tinham que ser propostas e debatidas, era o momento de criticar o sistema.

Figura 10: “Vladimir: membro do PT, jogador do Corinthians e da Seleção (1983)”



Fonte: Acervo Memorial Corinthians. (2020)

A conquista do ano anterior colocou em debate a questão da concentração, que viria a ser abdicada dentro do vestiário corinthiano, como comenta Zé Maria:

Até então a concentração era dois dias antes de cada partida. com a vinda da Democracia o projeto foi discutido: de princípio, diminuir a concentração dos casados, ao invés de dois dias, concentrava um dia e, depois, com a evolução da própria clareza que o pessoal começou a entender o que era o processo, o solteiro começou a concentrar um dia só; e, depois, os casados começaram a se apresentar no dia do jogo, apresentar no almoço para o jogo e, depois, na sequência, os solteiros também. Então, praticamente, ficou liberada: quem quisesse concentrar no sábado, ficou aberto para os solteiros, e os casados iam para casa. (FLORENZANO, 2003, p. 294).

Esse foi um dos pontos levantados pelo movimento que trouxe muitas críticas da mídia esportiva conservadora que buscava a todo custo desconfigurar a Democracia, muitas vezes utilizando informações desencontradas para deslegitimar todo processo democrático que ocorria dentro do clube. Mas a maior repercussão de 1983 fica por conta da chegada do grande

arqueiro Emersão Leão, detentor de um temperamento forte, mas que debaixo das traves demonstrava o porquê de ser considerado um dos melhores goleiros do Brasil

Mas por que a chegada de um grande goleiro teria tantas discussões? A resposta se encontra na pergunta e serve de baliza para a discussão de como o movimento se confundia com as pretensões internacionais do clube. Leão chegou com o objetivo de reforçar a meta do clube, trazendo mais chances de se conquistar a chamada “Missão Tóquio” (chegada do clube para a disputa do Campeonato Mundial entre Clubes, através da conquista da Libertadores da América, naquele momento obsessão do clube, que buscava cada vez mais internacionalizar a marca). Até aquele momento todas as contratações de jogadores passavam pelo voto de todos, debate que não aconteceu na chegada de Leão. Adilson, que conhecia a fama de reacionário do goleiro, preferiu dessa vez consultar somente aqueles que já trabalharam com ele (técnico Travaglini, preparador físico, Sócrates, Wladimir e Zé Maria), sendo que a opinião era unânime, todos elogiaram a qualidade técnica do arqueiro, seu currículo e experiência que poderiam fazer diferença nas pretensões do clube, mas alertaram de seu temperamento e seu jeito individualista. Tal decisão conturbou um ambiente que aparentemente parecia imune à crise entre os jogadores, como bem lembra Wladimir:

Ele consultou apenas as pessoas que já haviam trabalhado com Leão. Tanto foi assim que, depois, o Casagrande botou a boca no trombone. O Solito também ficou revoltado. Eles se viram aliados do processo, excluídos dessa decisão, por causa da opção escolhida pelo Adilson [...] Eu penso que o Adilson deveria ter consultado todo mundo. Mas como Leão é dono de uma personalidade muito controversa, muito singular eu diria, o Adilson fez essa escolha. E esse foi um dos equívocos que o Adilson cometeu nesse processo. (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p.114).

O simples fato da necessidade empresarial se colocar à frente do movimento e com a ausência de seus líderes, já coloca uma questão: até que ponto se existe o debate de ideias? É apenas quando convém ou quando não entra em atrito com interesses do clube? Foi a partir desses episódios que a Democracia foi questionada e não conseguiu justificar suas ações.

Naquele momento percebo que já se sabia da necessidade de se ter um bom desempenho esportivo para se manter as ideias, mas para o movimento democrático foi desafiador, pois o arqueiro era dotado de um temperamento forte e não se alinhava às ideias democráticas por causa de seu passado militar. E foi assim durante toda sua temporada no time, de um lado os líderes do movimento e de outro Leão, empenhado em acabar com ideias democratas de qualquer maneira. Não foi possível acabar com a Democracia Corinthiana, mas deixou marcas que a abalaram por fazer transparecer suas dualidades.

Nota-se que sua chegada abalou o movimento, seja pela forma de pensar ou pelo simples

fato de ser uma força de oposição, mas que devo destacar que é primordial em uma democracia e destacado por Sócrates em sua contratação. Ao longo de 1983, Leão foi ganhando adeptos e formando uma nova panela daqueles que gostavam de seguir a forma tradicional do futebol, grandes nomes do elenco o apoiaram, como Zenon e Biro Biro. “Leão foi bom para a democracia porque pensava diferente da maior parte dos participantes. O mais importante do nosso projeto era o debate de ideias. Sem concorrência, não tem como saber o valor de seu produto” (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 115).

Se fora de campo, o jogador Leão trouxe uma inquietação ao movimento, dentro de campo ele provou ser a escolha certa, o que mostra uma contradição de fato de uma visão técnica em contraponto com uma visão política, sobressaindo-se neste momento pela gestão do clube a visão técnica. Escolha que, por consequência, ajudou a provar o valor do movimento democrático, pois era necessário provar que era um formato campeão.

Para se ter noção da importância do ano de 1983 dentro do Corinthians: foi ano de eleição e já era de se esperar que a oposição buscasse acabar com o movimento que tinha sido criado ali dentro, era de extrema importância a reeleição de Waldemar Pires para se ter a garantia de continuidade. Para isso os jogadores se mobilizaram, muitos fizeram campanha de boca de urna e participaram da divulgação da campanha do candidato, como destaca o trecho abaixo

Foram necessários muitos panfletos, brindes, boca-de-urna, apoio de máquina tão poderosa como a Rede Globo, para que a Democracia Corintiana vencesse o imaginado dragão da maldade.’ O texto encerra-se de forma premonitória: [...] alguém duvida também que nesse Corinthians [...] contam só e sempre os resultados [...] Mesmo que não este Vicente, aparecerá sempre um Mateus de prontidão para colocar ‘Ordem e verdade’ na ‘Democracia Corintiana’. A ambiguidade, discutida no início desse artigo, aparece nesse texto jornalístico, com o sentido ‘a democracia é importante, mas sem bagunça. (DIAS; FARINA, 2016, p. 11).

Era necessário conscientizar os associados da importância do voto, algo nada difundido naquele momento histórico. Sócrates se utilizou de barganha como estratégia, dizendo que deixaria o clube caso Pires não fosse reeleito. Foi no dia seis de março do mesmo ano que a DC teve uma das suas maiores vitórias, com uma diferença de 2500 votos, Waldemar Pires foi consagrado Presidente do Corinthians por mais 2 anos, tal votação mobilizou diversos corinthianos de toda a parte do Brasil, ganhando destaque nas manchetes da Folha de São Paulo. No dia sete do mesmo mês, uma matéria assinada por Aroldo Chiorino demonstra a euforia.

A presença de associados superou em número as eleições anteriores, o que quer dizer que a de ontem despertou interesse, inclusive movimento muita gente importante, alguns vindo do Rio de Janeiro e do Mato Grosso do Sul. Numa definição ideológica, ficou bem claro que não foi uma vitória de Waldemar Pires sobre Vicente Matheus,

mas sim da proposta democrática sobre a proposta autoritária, como vinham defendendo os jogadores Sócrates, Zé Maria, Wladimir e Casagrande. (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 122).

Para completar, Wladimir e Zé Maria se candidataram ao conselho do clube, algo inédito, demonstrando o envolvimento dos jogadores não somente no campo, mas também na gestão do clube. Mas faz parte de suas funções ou cabe a eles esse tipo de movimento? Indagações como essa são fundamentais para entender por que a Democracia ganhou destaque, como os autores desse movimento enxergavam o futebol e seu papel dentro da estrutura que é o futebol.

Se o começo de '83 já trouxe todos esses desafios, o final de março iria abalar o vestiário: o técnico Mário Travaglini decidiu abandonar o cargo. Não se sabe o real motivo da decisão, porém há indícios que ele estava dividido entre o modelo de gestão vigente e sua função hierárquica como treinador e comandante da equipe. O choque de poder, o espaço cada vez maior dos atletas nas decisões, o aumento das reivindicações, as constantes indagações da imprensa e os maus resultados do começo da temporada também dificultaram a harmonia e tranquilidade no trabalho. Se dentro do vestiário o ambiente era bom, fora dele era de muita crítica e tentativas de deslegitimar o movimento. O Diário Popular, um dos jornais que mais veiculou informações muitas vezes em defesa do movimento, ficou reticente com o acontecimento, enxergando a situação cada vez mais como uma anarquia confundida com democracia.

Para substituir Travaglini, o grupo de jogadores elegeu uma solução interna, e o nome de Zé Maria foi unânime dentro do vestiário, mesmo que alguns ainda quisessem colocar um treinador de renome que pudesse trazer de novo a hierarquia que se tinha dentro do ambiente futebolístico. Prestes a se aposentar, o jogador foi alçado ao cargo de técnico em um evento que mais uma vez ganhou o noticiário esportivo, tendo nele a representatividade que faltava. Ali o movimento mais uma vez foi colocado à prova. Apesar das críticas ferozes a respeito da eleição de um jogador como técnico, o elenco não se incomodava e tinha total noção de que aquilo era o ápice. No dia seguinte ao anúncio de Zé como técnico, Galena de Freitas em artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo, intitulado “A democracia e a nação corintiana”, diz:

Por certo, no interior do Corinthians houve exageros de interpretação da palavra democracia. O que fornece munição para os reacionários denunciarem: democracia igual a bagunça. Nada mais falso. Mesmo porque o contrário de democracia é totalitarismo. E a democracia admite divergências, desde que se acate regras preestabelecidas. Assim como o futebol tem regras preestabelecidas. (FREITAS, 1983 apud DIAS; FARINA, 2016, p. 12).

Não podemos deixar passar a informação que a cada dia que se passava, o Corinthians ia além das páginas do caderno de esporte, marcando presença em outras áreas do jornal, caminhando por diversos cadernos. A cada partida que se jogava não estava em jogo apenas o futebol, mas a própria Democracia Corinthiana.

No meu entendimento talvez esse tenha sido o ápice da DC, quando jogadores puderam escolher seu comandante e sua escolha foi um próprio jogador do elenco, algo surpreendente, trazendo um ar de “autogestão” levantado por Gozzi e Florenzano. Essa definição nunca foi usada por qualquer participante do movimento, isso não significa que não aconteceu. Era momento de ruptura entre dirigentes e dirigidos dentro do clube, o vestiário tinha a autonomia que sempre desejou, Sócrates caracterizou Zé como uma representante dos jogadores, não cabia mais papel de técnico naquele momento, mas sim alguém que pudesse representar os demais. Zé Maria recorda o convite da seguinte maneira: “Eu me preparava para encerrar a carreira como jogador. Certo dia, os jogadores e diretores do Corinthians me chamaram para uma reunião e me convidaram para treinar o time. Eu nem imaginava que eles me pediram aquilo.” (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 124 e 125).

Essa caracterização dada a Zé, é bem discutida também, pois trazia a impressão de que não existia mais comando, que as funções se confundiam entre comissão técnica e jogadores, em que o vestiário poderia dar palpite onde não cabia, algo levantado por Travagini na sua saída, porém Sócrates fez questão de deixar claro que essa era uma acusação infundada:

Ninguém interferia no trabalho de ninguém, o preparador físico dava o treino que ele queria, o técnico fazia o que queria no treino dele. O negócio era o seguinte: nós vamos decidir a que horas a gente quer treinar. Então, era votado por todos, o reserva, o titular, o diretor, o técnico, todo mundo envolvido no trabalho. Voto aberto, em roda. E a maioria simples levava. (FLORENZANO, 2003, p. 361).

Em outro momento Sócrates deixava mais claro qual era a intenção de colocar um atleta nessa função de representatividade. Já era hora de os atletas participarem da gerência do seu trabalho, o movimento operário do futebol ganhava mais pessoas interessadas em pensar nele, no que era melhor para eles; já era hora de os jogadores colocarem suas ideias, angústias na mesa e debater para o melhor da classe como um todo, mas naquele ambiente específico dentro do clube.

A dualidade ganhava nova perspectiva quando se considera a relação existente com a diretoria, em que Zé Maria participava das decisões entre os jogadores e entre os diretores, sendo que mesmo com toda a DC não era possível deixar de lado as ambições do clube — algo que ficará claro com a contratação de Leão. Os dilemas levantados anteriormente colocaram em xeque esse modelo de gestão que se confundia e cruzava, não deixando claro o papel de cada cargo, mesmo que todos assumissem que sabiam suas posições e suas funções; a continuidade da DC dependia dos resultados obtidos dentro de campo.

Nesse quesito o desempenho de Zé foi mediano, conseguiu algumas vitórias, mas não trouxe o título brasileiro, o que significa o fim da “Missão Tóquio”. Se durante esse período os resultados não vieram como o esperado, os ânimos estavam cada vez mais aflorados dentro do vestiário e a crítica ferrenha diária vinda da imprensa e de futebolistas ao movimento de autogestão serviu para enfrentar os dogmas estabelecidos no mundo do futebol. Possível notar um engajando entre os atletas, a Democracia ganhou notoriedade e admiradores como Zico e Reinaldo, craques do Flamengo e Atlético Mineiro, respectivamente; colocou o debate à tona; e fez com que grandes jornais se digladiassem sobre o assunto, trocassem os analistas esportivos por analista políticos e filósofos para tentar trazer explicações teóricas para o que estava acontecendo dentro do Parque São Jorge.

Sem o desempenho esperado, com divergências no vestiário, o movimento se viu contra a parede, liderados por Leão, uma ala dos atletas viu com bons olhos a volta do comando técnico. As forças estavam voltadas para a conquista do bicampeonato paulista, mas agora com um novo treinador, Jorge Vieira, que representava a volta dos métodos tradicionais de trabalho, ele tinha o papel de segurar as críticas. Com uma passagem pelo comando técnico, se viu nele a pessoa certa para continuar a trilhar o caminho democrático, mesmo que isso significasse dar um passo atrás nos avanços do movimento para poder segurar as críticas.

Viera reconhecidamente não pretendia contribuir para a continuidade do processo democrático que acontecia dentro do clube, logo nos primeiros momentos aproveitou a ausência de alguns líderes e implementou mudanças, era a volta das concentrações. A partir dessa tomada de decisão, considero que se deflagrou o conflito entre o desejo do clube e dos atletas (que entrou em destaque). Com a volta dos líderes da excursão pela Europa com a Seleção Brasileira, Adilson se viu no impasse de respaldar a decisão tomada pelo técnico, ao mesmo tempo que sabia da necessidade de se abrir essa discussão com o grupo. Tal concessão buscava frear aqueles que diziam que ali existia uma baderna e não uma equipe de futebol.

Durante todos os jogos deve-se destacar o papel primordial de Leão para a conquista do bi campeonato. Com defesas impressionantes e a sorte que um grande goleiro tem que ter,

fechou o gol principalmente na semifinal e final, contra Palmeiras e São Paulo, respectivamente.

Durante esse período, contando com o apoio do novo treinador, Leão se colocou não como aquele que desdenhava do movimento, mas como antagonista, como peça-chave na oposição dentro do grupo. Começou a se aproximar de antigos desafetos da democracia, a exercer sua voz à medida que gestão tradicional foi sendo retomada, em especial o regime de concentração. Disputava a liderança do vestiário com os líderes da Democracia, adquiriu adeptos as suas ideias, se firmando na posição de anti-Sócrates e servindo de escudo para a diretoria. Resistente ao movimento, muito pela sua história e formação militar, Leão não se abriu para troca de experiências, estava disposto a redirecionar o caminho do elenco.

Talvez eu represente uma nova filosofia, ou uma filosofia muito antiga, nesta experiência muito bonita. [...] Talvez eu seja a parte conservadora, ou mais realista da democracia corinthiana. Mas as posições não são incompatíveis, porque só aperfeiçoamos esta experiência discutindo tudo. (FLORENZANO, 2003, p. 391).

A citação anterior destaca a visão de Leão, se opondo totalmente a Sócrates, tornando muito delicada a convivência entre os dois. Sua estratégia era minar o movimento dentro de suas próprias regras, sua aproximação com o elenco criou seu próprio grupo, fortalecendo seu lado nas votações, sempre do contra, conseguindo assim algumas vitórias dentro do vestiário. Foi a maneira encontrada por ele, por meio do processo democrático, de revogar algumas propostas. Impondo-se pelo exemplo de ser o primeiro a chegar e o último a sair, foi crescendo com um objetivo claro traçado, se tornar a principal liderança do elenco alvinegro. “Eu e Sócrates discordamos profundamente em vários pontos de vista profissional. [...] Mas ele sabe que o espaço não é só dele, que há espaço para todos” (FLORENZANO, 2003, p. 395).

Foi assim que Leão definiu sua relação com Sócrates. Se dentro do vestiário os atletas estavam imersos em uma disputa de poder, no campo os dois brilharam partida após partida, conforme registro da crônica esportiva.

Em um desses embates, Leão questionou o porquê que apenas alguns atletas recebiam valores por conta dos contratos de publicidade, não eram todos os jogadores que se beneficiavam desses contratos. O movimento perdia seus ideais, sua unidade como grupo e obrigava o resto do elenco a se movimentar e buscar marcas interessadas, foi assim que chegaram a oferecer a uma agência de automóveis suas camisetas de treino para publicidade, como relata o próprio Leão. Dando uma mostra de como Leão se articulava dentro do vestiário de maneira antagônica a Sócrates, dando a percepção que a cada momento ganhava mais adeptos dentro e fora do clube.

Uma passagem muito importante desse final de 1983 é que antes mesmo do segundo

jogo da final, ainda no hotel, há relatos de uma reunião na qual Leão foi colocado contra a parede, acusado de ser o principal desagregador do grupo. Dando a conotação de momento de lavar roupa suja, de expor a opinião. Nada que pudesse frear a atuação de gala do arqueiro. Impressionando a maneira fria e profissional do arqueiro lidar com a situação.

No mesmo período se cria uma das imagens mais emblemáticas do período. A censura vinda de Brasília através do CND (Conselho Nacional de Desportos) e o medo de uma represália maior — dado que meses antes o órgão emituiu um comunicado proibindo o uso de certos dizeres no uniforme — impedia mensagens democráticas no uniforme, logo foi manufaturada uma faixa, já presente em outros jogos, que entrava no campo com os jogadores e vinha escrito: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia!”

Figura 11: “Ganhar ou perder, mas sempre com DEMOCRACIA”.



Fonte: Memorial Corinthians. (2020)

Na comemoração da conquista do bicampeonato, o uniforme comemorativo trazia mais uma vez a alusão ao movimento e dava destaque à marca Democracia Corinthiana.

Esse foi o último título da era da “Democracia Corinthiana”, um movimento que ficará guardado para sempre na memória do corintiano e do povo brasileiro, uma pequena e providencial “rebelião intelectual” que proporcionou um novo horizonte para a nação, uma esperança de um dia poder repetir toda a felicidade demonstrada pelos jogadores do Corinthians, no pequeno mundo livre do Parque São Jorge, quando o povo brasileiro sonhou em ser jogador do Corinthians, e os jogadores do Corinthians sonharam em ser o povo, porém, libertos da ditadura, como no regime da República Corinthiana, presidida pelo excelentíssimo senhor presidente Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira. (MARTINEZ, 2011 apud DIAS; FARINA,

2016, p. 15).

Saindo da conquista do bicampeonato estadual e entrando no ano de 1984.

5.3 – 1984

As turbulências de 1983 não amenizaram com a virada do ano. 1984 começou com mudanças dentro do vestiário. O início do ano foi de calmaria, Emerson Leão, denominado fator desagregador, foi desligado do time pelas mesmas lideranças que bancaram sua chegada, novamente sem consultar os demais atletas. Fora do clube questionavam: até que ponto o movimento permitirá antagonistas? Qual é o limite da oposição? Trazendo um paralelo bem importante em que eu destaco a incapacidade de se lidar com uma situação como essa, talvez até por uma falta de experiência de Adilson no cargo de Gerente de Futebol. Como bem levanta Rafael, antigo desafeto do movimento, não deixou de expressar sua opinião sobre o acontecimento: “Três decidem e o resto diz amém. [...] Eu não sei onde está a democracia que tanto apregoam por aí. Para mim não passa de uma ditadura.” (FLORENZANO, 2003, p. 423).

Essa insatisfação era comum entre atletas alheios à DC, mesmo aqueles que pertenciam ao clube, mas não faziam parte dos planos da comissão técnica. Mais uma vez o movimento ficaria dividido. Nesse momento histórico, a Lei do Passe era discutida entre os atletas que se viam prejudicados e presos ao clube detentor de seu passe, a Democracia se viu alheia à discussão pelo assunto se confundir com os interesses administrativos do clube, não tendo o mesmo afinco na busca de soluções para a categoria e para colegas de clube que se viam desprestigiados, era o caso de Biro-Biro, o coração da equipe Corinthians, que se via desvalorizado comparado a outros atletas da adeptos a DC. A Gazeta Esportiva, reconhecida pelo trabalho de desqualificar o movimento, deixou clara sua opinião sobre o que acontecia no Corinthians naquele momento: “O Corinthians é hoje um clube igual a certos países socialistas, onde você conhece apenas o que há de bom, pois só isso é mostrado e divulgado.” (FLORENZANO, 2003, p. 426).

Em meio a questões financeiras e de remuneração com seus atletas, a equipe vai a uma excursão à Ásia, destacada pelo site oficial do clube como a primeira viagem ao Japão (CORINTHIANS, 2012), em busca de arrecadação para equalizar suas contas e poder evitar a saída iminente de seu principal craque, Sócrates, para o futebol italiano. Consigo notar que o jogador conseguia visualizar as mazelas do futebol brasileiro, a possibilidade de se garantir sua independência financeira de anos de contrato e seus dois amigos de Seleção Falcão e Zico já

na Europa, como fatores predominantes para sua saída.

De volta ao Brasil, envolta em crise interna, a DC não perderá o engajamento de colocar em prática ações a respeito do momento político nacional, aderindo à campanha das “Diretas Já”. Sem contar com seu técnico por motivos de saúde, nesse momento é possível notar como o elenco colocou em prática, mesmo que brevemente, a ideia de autogestão, e a partir disso definiu a estratégia que seria utilizada pelo elenco na campanha política, entraram em campo com uma faixa amarela no uniforme preto e branco, divulgando a campanha das eleições diretas.

Não significa, porém, que todos os corintianos aprovassem essas manifestações. Sobretudo dirigentes e conselheiros constantemente apresentavam críticas ao modelo e, em especial, aos ‘exageros’ cometidos. (DIAS; FARINA, 2016, p. 16).

[...] um membro do CORI – Conselho de Orientação, formado por velhos cardeais corintianos – destilou veneno no amarelo da democracia. O conselheiro Boaventura Farina disse que não estava gostando nada do posicionamento ideológico dos jogadores dentro do campo e afirmou que todos têm o direito de pensar como quiser, mas fora do clube. Bastou essa manifestação isolada para que os fantasmas que rondam a abertura gralhassem que o Corinthians receberá ordens de Brasília – mais precisamente do Serviço Nacional de Informações – para acabar com a alegria dos que querem Diretas-Já. (O ESTRANHO, 1984 apud DIAS; FARINA, 2016, p 16).

Foi nesse período histórico que a equipe, por meio de seus jogadores, rompia com o modelo tradicional de maneira contundente, alinhando-se ao lado das forças democráticas, empenhada na construção da contra-hegemonia por parte dos trabalhadores, algo único e não reproduzido em outros times, majoritariamente pelo medo da represália que poderia acontecer por parte de dirigentes e da mídia, que viam com repúdio o que acontecia no ambiente corinthiano. Infelizmente esse movimento era parte de uma bolha que existia dentro do departamento de futebol, algo não reproduzido em outros esportes ou até mesmo em outras áreas do próprio clube, como destaca o técnico da equipe de voleibol feminino do clube, tendo ainda um longo caminho a percorrer para atingir um processo democrático por completo, algo inexistente até então.

Assumindo a dianteira na construção da democracia, a equipe se viu pressionada mais uma vez por Brasília para interromper as ações coletivas que ali eram realizadas. Isso refletiu dentro de campo, em alguns confrontos do Campeonato Brasileiro o Corinthians se viu prejudicado pela arbitragem, deixando no ar a seguinte indagação: será que estamos incomodando tanto?

Era segunda-feira, e um dos comícios mais famosos que aconteceu em São Paulo no vale do Anhangabaú reuniu mais de 1.7 milhões de pessoas em favor da volta das eleições

diretas para presidente. Este movimento foi conhecido como “Diretas Já!”, acompanhando a votação da emenda Dante de Oliveira pelo Congresso Nacional. A DC compareceu e subiu ao palanque, com um anúncio marcante de Sócrates: “Se o Congresso Nacional não aprovar a emenda das diretas, eu saio do país!” (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 138).

Sem dúvida é notório perceber como o maior ídolo atuando em território nacional se colocava como referência, por meio da DC, não somente dentro de campo, mas entre jornalistas, militantes políticos e intelectuais, fazendo com que o papel do futebol se transformasse. Ele agora era o fator de transformação, deixando de fazer parte da cultura do “pão e circo”⁵. Sócrates se colocou ao longo de 1984 como garoto propaganda de todo o movimento político que a cada dia ganhava mais adeptos e forças nas ruas, foi naquele momento, ao subir no palanque com tais dizeres, que iam ao contrário de sua ambição individual e colocava em primeiro plano o coletivo, que Sócrates se tornou o grande ponto de intersecção entre Futebol e Política. Ele fez com que suas ideias que se reverbera se com o movimento e fossem uma força desestabilizadora das crenças existentes naquele momento, crenças estas que se baseavam no autoritarismo sedimentado por anos de ditadura.

Exatos nove dias depois houve a votação do congresso, e com a derrota da emenda, só restava aos progressistas lamentar e aguardar aquilo que só se concretizaria em 1989. Para o Corinthians a dor era semelhante, significava a perda do seu maior ídolo e craque. Para a DC foi um golpe pesado, a perda de um dos líderes significa a perda de força do movimento, era necessário nesse momento reunir forças em um evento colocado como “Corinthians Já”, em que cada gol, cada ataque e cada defesa eram uma tentativa de amenizar a dor da perda.

A DCa seria colocada em um patamar não atingido por qualquer instituição, ela fez com que líderes de diversos segmentos sociais se mobilizassem para sua continuação, era ali que se encontrava a esperança abalada desde o veto da emenda Dante de Oliveira.

Ao longo da leitura acerca do movimento destaco o que me parece ser dentro de campo o sentimento de que aquela seria a última dança, a chance de dar à fiel torcida o último gosto de sua genialidade, toda a equipe fez o possível para levar ao inédito título brasileiro, sonho interrompido na semifinal contra o Fluminense. Parecia que a mídia se polarizava em dois extremos, contra e a favor, assim como naquele momento histórico o Brasil se encontrava polarizado em direita e esquerda.

⁵ “Pão e circo”: no latim original *panem et circenses*, é um termo utilizado para satirizar a falta de informação do povo romano e criticá-los por não estarem interessados em mais do que apenas comida e entretenimento. A partir dessa política os líderes romanos o povo fiel à ordem estabelecida e conquistava o apoio deste.

Figura 12: 1984 Fim do encanto socrático.



Fonte: Imortais do Futebol.(2012)

A eliminação para o Fluminense gerou ainda mais pressão sobre o processo, pelo o que me parece ser a busca por responsabilizar pela derrota. Era necessário achar culpados, e nada mais comum do que colocar a culpa no movimento, de aplicar nele a responsabilidade, de não questionar aquilo que supostamente teria sido orientado pelo treinador, ou até mesmo de concordar com aquilo que havia sido decidido; dando mais munição para a crítica colocar os líderes da Democracia como culpados e como responsáveis pela derrota do time, substituindo a ideia de democracia e implementando outra de aristocracia, na qual as decisões mais importantes fugiam do voto aberto e iam para a decisão de um grupo seletivo, composto pelos líderes do movimento e comissão técnica.

A frustração desse último ano, era colocada como contrapartida a todo engajamento político/social que o clube se envolveu, criando uma força muito grande em torno de si, sendo de extrema influência no período que a sociedade brasileira estava vivendo.

Na minha visão parece que o final do campeonato não significou o cessar fogo das disputas internas do clube. Para se manter no cargo, Jorge Vieira buscou mais uma vez trazer à tona os princípios do autoritarismo que se aplicavam dentro do futebol, em que o poder de decisão está exclusivamente em suas mãos, e buscava na figura do presidente respaldo para fazer tais mudanças, e este, por sua vez, via a necessidade de se ter uma estabilidade política para se manter bem no cargo, tendo a necessidade de ceder em alguns aspectos para atingir seus

objetivos. “Se o Jorge Vieira decidir que é preciso concentração para todos, isso é lei. Não estou querendo acabar com a ‘Democracia Corinthiana’ e sim melhorar alguns pontos.” (FLORENZANO, 2003, p. 468).

A volta do modelo autoritário significava o fim do movimento democrático, mesmo que o presidente dissesse o contrário, era nítida a necessidade dele de se posicionar de maneira mais fervorosa, tanto que na coletiva de imprensa em que anunciou a saída de Sócrates, também deixou claro que seria implantado um novo modelo de trabalho. Adilson ouviu aquilo e cobrou dos autores do movimento sua defesa, pois sozinho não poderia fazer nada. Dividido, o elenco se enche de medo do que poderia acontecer com ele se escolhessem qualquer que seja o lado.

Coube a Adilson, dotado de grande articulação política, conseguir a aliança dos líderes do elenco, de alguns conselheiros do clube e das duas maiores torcidas organizadas, apoio mais do que necessário. Não bastasse as forças dentro do clube, a Democracia ganhou tanta notoriedade que ultrapassou os muros do clube e teve a solidariedade de alguns sindicatos. Logo, um abaixo assinado com mais de 18 instituições diferentes foi elaborado para que o Democracia Corinthiana continuasse, forçando o presidente a desacreditar seu treinador, deixando o último sem vontade de continuar no cargo.

O clima para a continuidade do treinador não era favorável a ele, que buscava de todas as formas frear o modelo democrático e restaurar o poder autoritário e hierárquico que pertenciam a ele. Seu ciclo se encerra no embarque para o último jogo de Sócrates com a camisa Corinthiana. Com problemas de relacionamento com Casagrande, Vieira decidiu pelo seu corte de última hora, sem avisar ninguém, já no saguão do aeroporto entrou em embate com o diretor de futebol que era contrário a essa atitude e cobrava do técnico a hierarquia que tanto pediu. Foi responsabilidade de Sócrates intervir e dizer que não viajaria sem Casagrande. Sem Sócrates, sem jogo. Jorge Vieira, sem aliança alguma, se viu sozinho e acuado, não embarcou. Era o início do fim do movimento.

No Brasil, Vieira tratava de colocar sua visão do que aconteceu: “Aquilo não é uma democracia, é uma verdadeira anarquia” (FLORENZANO, 2003, p. 481)

Noto como a força do movimento venceu, isso não significa que as consequências seriam totalmente positivas. Ficou claro o momento desagregador que existia, ao mesmo tempo que se tentava manter valores já estabelecidos. Tendo consequências também com o presidente, que mais uma vez se viu alheio ao acontecimento e obrigado a tomar atitudes para se manter vivo no cargo. Enquanto os democráticos estavam na Jamaica, o presidente foi atrás de novos reforços e da venda de Casagrande, que não se concretizou.

A volta para o Brasil, foi o momento de acalmar os ânimos, e buscar uma reaproximação

entre o futebol e as lideranças do clube, as mudanças no elenco começaram a acontecer. Não foi observado nenhuma alteração ou inovação no cotidiano da equipe desde a saída de Sócrates na metade do ano, era momento de manter as conquistas que tinham conseguido ao longo dos anos anteriores. A mudança no comando técnico, as trocas de atletas fomentaram muito mais o lado empresarial da equipe do que o ideológico. O segundo semestre serviu para Adilson se preparar para a candidatura de presidente e sabia que o desempenho em campo era primordial para sua vitória. O modelo democrático ficou muito mais nas falas do que nas ações da equipe. Terminando 1984 e entrando em 1985.

5.4 – 1985

Depois de montar um time de estrelas e mesmo assim não obter os resultados esperados no segundo semestre do ano anterior, chegou em 1985. Era o momento das eleições dentro do clube, mais uma vez foram colocadas de lados opostos os ideais democráticos e reacionários. Dessa vez o resultado não foi como esperado, derrotado Adilson não conteve as lágrimas.

Dentro do vestiário, o medo das represálias que poderiam acontecer era ainda maior, Juninho deixa claro esse sentimento: “E aí as cabeças começaram a rolar” (FLORENZANO, 2003, p. 492).

Ainda havia os vencedores reacionários, que desde o primeiro momento deixaram claro que qualquer resquício do movimento democrático seria abandonado. Ali pode se dizer que o movimento teve um fim, mas não significa que ele deixou de pairar pelos corredores do Parque São Jorge, pois quem se habitua com a liberdade e autonomia não quer voltar ao autoritarismo. Porém é sabido de todos que a mudança de diretoria dentro de um clube de futebol muitas vezes significa começar tudo novamente do zero, não importa as conquistas ou os avanços conseguido pelo antecessor, é necessário apagar qualquer resquício para poder começar novamente. Algo inadmissível numa instituição que busca a prosperidade, que busca grandes resultados e isso se reverbera dentro do clube, pois traz inseguranças a funcionários que muitas vezes dependem desse trabalho para o sustento familiar.

Aquele momento a nova diretoria via uma necessidade ainda maior de desvincular o que havia acontecido nos anos anteriores, por se tratar de um movimento totalmente oposto às ideias dos novos dirigentes, que buscavam retornar ao modelo anterior que garantia a centralização do poder. Mesmo que isso signifique um retrocesso nas relações estabelecidas, pois o importante era a hierarquia presente na instituição.

Não se encontrou no grupo de jogadores ou na nova diretoria pessoas interessadas em

manter o poder que foi dado aos atletas, era o retorno do regime comandante- comandado que sempre fez parte do universo esportivo. Mas isso não significa que a DC não teve seu nome marcado na história do clube, do futebol brasileiro, ou até mesmo da sociedade brasileira, pois em um universo plural, boêmio, revolucionário e contraditório, o movimento demonstrou as múltiplas facetas da experiência democrática, que era possível ser reproduzida em outras esferas esportivas, que transformou as relações de poder, trazendo as energias do campo para o ambiente social, para as ruas, fazendo com que fosse possível observar novamente uma liberdade há anos perdida.

5.5 – Olhar Sobre o movimento

Durante os 5 anos que ocorreu o movimento, é possível notar diferentes períodos entre eles, no começo quando a transição para uma abertura política e descentralização do poder aconteceu em '81 foi um momento em que as coisas se coincidiram para a mudança, foi o momento certo com as pessoas certas, que trouxe uma legitimidade interna muito importante para o decorrer dos anos seguintes, a partir desse primeiro momento em que as ideias estão na mesma sintonia torna aquilo algo muito mais palpável, pois também tem participantes com um engajamento elevado, trazendo ideias para serem debatidas e colocadas em práticas. Fazendo com que transição de um ano para o outro aconteça de maneira mais harmônica, tanto que isso é destacado pelos jogadores e levado durante todo o ano de 1982, em que a harmonia dentro do vestiário reinava, em que as relações estavam começando a se estabelecer de maneira mais democrática. A introdução de um comandante técnico que tinha esse olhar também é fundamental para o sucesso naquele momento, em que o voto era o grande protagonista. Tal protagonismo e confiança da equipe fez com que a conquista do Campeonato Paulista de 82 viesse e trouxesse consigo o elemento que faltava para garantir a continuidade das ideias democráticas, pois o esporte de rendimento, em especial o futebol é pautado por resultados financeiros e esportivos e é sabido que dentro desse universo para se ter sucesso é preciso combinar essas duas facetas, coisa que a Democracia Corinthiana conseguiu fazer com uma certa facilidade.

Figura 13: Show de Rita Lee reúne jogadores do Corinthians.



Fonte: O curioso do Futebol.(2020)

Conseguindo ainda promover seu lado social dentro de campo e trazendo o debate para fora dos muros do Parque São Jorge.

Durante esse período percebi que o movimento trouxe à tona novamente o debate político, social e isso foi fundamental para trazer mais luz às inquietações populares, trazer de novo o povo para dentro do jogo político. Muito provavelmente todo esse movimento de redemocratização iria acontecer, mais não tenho dúvida que um clube de futebol de massa trazer esse debate para dentro das suas relações institucionais, trouxe um olhar facilitado para a população, que cansada de se manter escondida e alheia ao processo, se viu representados ali.

A calma dos primeiros momentos foi logo sendo deixada de lado, pois ao mesmo tempo que a conquista esportiva trazia seus lucros, ela também trazia suas mazelas, pois aumentou o sarrafo da equipe, fez com que ela buscasse alçar voos mais altos, e tais voos significava passar por cima do que estava sendo construído. É nesse momento que se confundem as pretensões da equipe com as pretensões do movimento, a partir daí que se tem a discussão de até que ponto se tem essa horizontalidade no modelo de decisões. No caso da DC foi até o momento que os lucros visados eram mais importantes.

Essa sequência de acontecimentos foi minando o vestiário, que muitas vezes se debatia demais, e isso serviu como munição para crítica esportiva que buscava dar um ar de balbúrdia ao movimento, ao mesmo tempo que outro lado cada vez mais levantava a bola das ações promovidas por jogadores, que visavam dar a eles o poder de decisão sobre o jogo e trazer de voltar a relação esportista - cidadão. No meio da disputa de vestiário que existia entre os personagens antagônicos dessa história está a figura do técnico que um ano antes se alinhava ao modelo democrático e naquele momento não suportava mais a questão do avanço do poder ganhado pelo jogadores ao longo desse período, colocando em cheque sua própria liderança,

fez com que preferisse se retirar do que tentar minar o movimento. Vale ainda a reflexão acerca do caminho que Travaglini tomou ao se tornar técnico da equipe e participar de forma ativa ao movimento, fazendo com que ele se misturasse aos demais, se colocando como mais um, mas a partir do momento que algumas de suas capacidades são exigidas ele já não consegue mais exercê-las da maneira que ele achava mais coerente e correta, não tendo mais controle sobre os demais, ou até mesmo não quer mais esse embate por perceber que talvez não teria voz em momento que seria necessário ter.

A falta de um jogo de cintura da diretoria naquele momento, que parecia ser necessário abrir mão de algumas situações poderiam ter contornado certos acontecimentos, principalmente aquelas que viam de fora do clube e interferiam de maneira direta dentro, ou até mesmo a questão do ego, normal em qualquer profissão pode ter interferido para sua decisão.

Tal movimento fez com que o ápice acontecesse, mas que por falta de resultados e uma oposição dura dentro do vestiário trouxesse ao comando da equipe um próprio jogador, era o que o movimento precisava para se tornar totalmente autônomo, isso durou por alguns meses, mas não suportou a pressão que se tem de ter bons resultados ao mesmo tempo. Resultados esses que vieram com a troca de técnico, mesmo que esse viesse com anuência das lideranças do movimento e com pensamento contrários aos que estavam implantados dentro do clube. Foi nesse momento que prevaleceu o que estava acontecendo antes da chegada de Vieira. Mesmo com todos esses problemas o título veio, e trouxe mais uma vez a passagem que a equipe precisava para a continuidade, mas dessa vez em vez de festejar o sentimento era de alívio. Sendo possível destacar que o entorno e os acontecimento ao longo de 1983 desgastam demais o movimento.

Em 1984 o futebol ainda era o principal, mas tinha perdido força já que o engajamento das lideranças corinthiana nos movimentos populares de redemocratização era tão elevado que tirou a equipe dos diários esportivos e a colocou nos diários de política, cultural. Tanto que em um desses comícios Sócrates decide entre estar no Brasil e lutar ou ir para fora do país e conquistar sua independência financeira tão desejada, foi mais uma vez que ele buscou utilizar de seu carisma e reconhecimento para conseguir algo. se em um primeiro momento funcionou e garantiu a reeleição de Pires em 1983, em 1984 isso não foi possível. Se despedindo da maneira mais melancólica possível, já que dentro de campo os resultados não vieram e a equipe não conseguiu atingir seus objetivos.

Como mencionado anteriormente, a cada conquista o sarrafo aumentava, porém tais decisões sempre se confundiram com as ideias democráticas, ao mesmo tempo que o futebol é um dos esportes mais inesperado, onde nem sempre o melhor ganha.

Foi nesse momento que o processo se enfraqueceu, era muito possível que assim que as lideranças comessem a sair o movimento se enfraquecesse, pois ainda não era algo enraizado dentro do clube, mas sim um momento histórico e foi exatamente o que aconteceu, a partir do momento que Sócrates saiu e o desempenho dentro de campo não tinha mais o mesmo destaque, em que as pretensões que se tornaram maiores não se realizavam colocava em cheque o movimento, pois também enfrentava resistência do lado de fora, das pessoas que se sentiam atacadas com o que ocorria dentro do clube.

Seu fim é decretado em 1985, quando novamente aconteceu eleições dentro do clube, a ala de oposição consegue a vitória nas urnas, isso significou o encerramento do movimento, já que a chapa eleita não queria nenhum tipo de vínculo com as ideias democráticas, algo muito comum em instituições durante o período eleitoral.

Durante todo o processo da DC foi identificado momentos de sucesso e insucesso, seus protagonistas e antagonistas em disputas e debates que serviram como parâmetro para os debates que aconteciam naquele momento na sociedade brasileira e serviram de inspiração para muitos que lutaram pela redemocratização nacional e a volta do poder na mão dos populares. Ideias que se colocam no cenário do futebol e reproduzidas na Democracia Corinthiana.

CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias de Sócrates, tanto sobre futebol quanto sobre política, são tão claras que podem ser resumidas em outra frase sua: “O futebol permite que o pior ganhe. Nada mais marxista ou gramsciano que o futebol”. (FIGOLS, 2016).

O início dos anos ‘80 foi de muita dificuldade para a nação brasileira, foi um período em que a globalização começou a tomar forma, em que problemas econômicos assolavam a população e acentuavam as desigualdades sociais, em um universo esportivo estéril a mudanças. Essa inserção interativa no momento histórico carregou as contradições presentes no mundo do Futebol e intrinsecamente relacionadas aos processos sócio políticos mais amplos ao Campo. Vimos que o futebol como prática social tem estado intimamente condicionado aos interesses econômicos presentes na atividade e aos usos ideológicos como centro de difusão de formas de pensar e agir vinculadas aos interesses do grupo político em governo. Assim como, não podemos separar a DC das atitudes e posições de seus atores, nosso maior foco neste trabalho , também não podemos deixar de reafirmar sua íntima relação com o momento histórico de redemocratização das instituições .

Esse foi o palco para o nascimento da Democracia Corinthiana, dentro de um clube que desde a sua origem se confunde com a classe trabalhadora, que tem em seus fundadores (o proletariado) como ator principal e que teve a capacidade de juntar em um momento de transformação histórica um grupo de indivíduos que buscava transformar essas relações pré-estabelecidas que não favoreciam os verdadeiros atores do futebol, e devolver a estes o poder de decisão em torno do espetáculo, poder guiar o próprio show. A Democracia Corinthiana surge como ruptura ao aparelhamento do Futebol a favor de um regime econômico político dominante, pois além de instaurar outras práticas de organização do trabalho no interior do clube, rompendo com hierarquias e formatos rígidos de treinamento; abalou o uso soberano do espaço esportivo na utilização do apoio popular aos interesses da elite em plantão.

Um movimento pautado no livre debate de ideias, no poder do voto igualitário, mas que trouxe suas contradições de poder, sua ambivalência entre clube e jogadores, com uma conjuntura marcada pelo contraste de pensamento, em que o projeto é um produto do período histórico brasileiro; mostrando que uma democracia não é pautada por uma única opinião, mas sim pela oposição de perspectivas, na abertura política que ultrapassou os muros do Parque São Jorge e deu ao povo a esperança de mudança. É fundamental entender que os pares antagônicos desenvolvidos durante essa narrativa são parte fundamental para o desenvolvimento do

movimento e torna sua complexidade de entendimento muito mais elevada, por trazer um dinamismo nas relações inédito até então.

Claro que as conquistas trouxeram mais valor, dado o contexto de ser um ambiente no qual o resultado era primordial para o sucesso, mesmo que esse tenha se limitado nacionalmente.

Dessa forma, é imprescindível salientar que sim, a Democracia Corinthiana foi um movimento sem precedentes, por trazer algo único no universo do futebol, em que levantou debates sobre direito dos jogadores, classe, cidadania, luta política e que após 30 anos nada parecido ocorrerá, mesmo que muitas das questões levantadas pelo movimento continuem como preocupações latentes em nossa sociedade. Essa identidade com as pautas democráticas e direitos sociais refluí no interior do time, mas se fortalece no interior da torcida e num amplo espectro social. A Democracia Corinthiana validava o posicionamento e engajamento social. Esse protagonismo emerge no interior da torcida em 2020 com a chamada para a luta popular de oposição ao governo federal. Mas essa continuidade com certeza será tema para outro estudo.

Percebe-se que o esporte, em especial o futebol por toda sua visibilidade, é um fenômeno político, social e econômico capaz de contribuir para o entendimento da sociedade brasileira e servir de meio para o desenvolvimento político nacional em que processos históricos, sociais, culturais experimentados durante todo seu processo de formação dentro do futebol refletem na confecção de sua visão e prática. Indo muito de acordo com uma visão mais recente da formação de atletas que destaque a necessidade de se envolver todos os aspectos na formação de um atleta. “As ideias de Sócrates, tanto sobre futebol quanto sobre política são tão claras que podem ser resumidas em outra frase sua: ‘O futebol permite que o pior ganhe. Nada mais marxista ou gramsciano que o futebol’.” (FIGOLS, 2016).

A tomada de posição no campo democrático por jogadores, equipe técnica e a difusão das bandeiras sociais e ideais de participação social, redirecionaram os valores de identidade ao campo dos interesses populares, fortalecendo o arquétipo do Corinthians como Time do povo. Foi também por meio da Democracia Corinthiana que os valores democráticos tiveram voz, pois, por meio deles foi possível fugir do “ópio do povo” que durante muitos anos alienou o povo brasileiro, foi aproximando o atleta do cidadão, caminhando pela autogestão e autonomia dos jogadores, de se buscar uma intersecção entre política e futebol numa outra perspectiva.

E é nessa perspectiva que este movimento é atemporal, pois identificamos na atualidade formas de governança da política pública que ameaçam a democracia, não somente no Brasil, mas em outros países do mundo (norte e sul americanos, europeus, asiáticos etc). E movimentos

como esse, da DC, poderiam colaborar com a emancipação social e política dos cidadãos. Dito de outro modo, que esta pesquisa também possa colaborar para que atletas, treinadores e gestores esportivos se conscientizem de que podem, e devem, colaborar mais com essa emancipação, por meio do esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINO, G. **Vencer o morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

AMORIM, A de. Uol Pesquisa Escolar. História do Brasil. Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação. Atualizado em 11 mar. 2015. **Nova República - Transição democrática, Figueiredo e Tancredo Neves**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/nova-republica-1-transicao-democratica-figueiredo-e-tancredo-neves.htm>>. Acesso em: 04 de jan. 2021

BETTINE, M et al. Influência do movimento democrático no Corinthians e os reflexos no futebol e no momento político do Brasil. **Efdeportes**. Buenos Aires, N° 158, Año 16, Julio de 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd158/influencia-do-movimento-democratico-no-corinthians.htm>>. Acesso em: 27 out. 2020.

BRUNORO, José Carlos & AFIF, Antonio. **Futebol 100% Profissional**, São Paulo: Ed. Gente, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte , v. 6, n. 2, p. 179-191, jul. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jan. 2021

CALDAS, Waldenir. O futebol no país do futebol. **Lua Nova**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 24-30, Dec. 1986. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=lbgyHs1PsJI>>. Acesso em: 27 out 2020.

CBF, Assessoria. Seleção de 1982: a equipe que encantou o mundo. **CBF**, 2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/selecao-de-1982-a-equipe-que-encantou-o-mundo>. Acesso em: 28 dez. 2020

CORNELSEN, Elcio l. **Cinema, futebol e ditadura no Brasil**. (Texto extraído da revista Guavira Letras, n. 20, jan./jun. 2015 p. 49-59). Editora UFMG, Três Lagoas.

COUTO, C. G. Oligarquia e processos de oligarquização: o aporte de Michels à análise política contemporânea. **Revista de Sociologia e Política**, v. 20, n. 44, p. 47-62, 2012.

_____. Oligarquização em um grande clube de futebol: o caso do sport club corinthians paulista. **Organ. Soc.**, Salvador , v. 24, n. 81, p. 237-260, June 2017 . Acesso em 12 Jan. 2021.

DAMATTA, R. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

DEMOCRACIA CORINTHIANA. Documentário. [S. l.: s. n.], 3 mai 2018. 1 vídeo (51:12 min). Publicado pelo canal Corinthians TV no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lbgyHs1PsJI>>. Acesso em: 27 out. 2020.

DOCUMENTÁRIO CONTA HISTÓRIA DA DEMOCRACIA CORINTHIANA. [S. l.: s. n.]. Atualizado em 26 nov. 2012 - 07:20. Publicado pela BBC Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121106_democracia_rp. Acesso em: 27 out. 2020.

DIAS, L; FARINA, M. *Preto no branco: a democracia corintiana nas páginas do jornal Folha de São Paulo*. (Texto extraído da revista Record v. 9, n. 2, p. 1-21, jul./ dez. 2016). Editora URFJ, Rio de Janeiro.

Dias, L., & Farina, M. (2016). PRETO NO BRANCO: A DEMOCRACIA CORINTIANA NAS PÁGINAS DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. *Recorde: Revista de História do Esporte*, 9(2). Recuperado de: <https://revistas.urjf.br/index.php/Recorde/article/view/5254/3863>

EVANGELISTA, J. O gol da memória: a ditadura militar e o futebol na Argentina e no Brasil. **Darandina** revisteletrônica, Juiz de Fora. Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF – v.1, n. 1 abr/2008. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/o_-gol.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

FARIAS, G. **O esporte como ferramenta de contestação e mobilização social e política: A Democracia Corinthiana (1981-1985) e o apoio ao movimento popular “Diretas Já”**. 2019. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Resende, Rio de Janeiro. p. 28.

FARIAS, Gabriel Assis. Nação Corinthiana: a narrativa e o envolvimento político da Gaviões da Fiel. *Ludopédio*, São Paulo, v. 132, n. 23, 2020.

Futebol, Imortais do. Craque Imortal - Sócrates. **Imortais do Futebol** 2012 Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/07/18/craque-imortal-socrates/>. Acesso em: 28 dez 2020

FLORENZANO, J. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: EDUC, 2003. p. 164, 204, 205, 209, 214, 285, 294, 361, 391, 423, 426, 468, 481, 492.

FICO, C. São Paulo. **Médici corrupto**. Zona Curva. 25 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.zonacurva.com.br/medici-corrupto/>>. Acesso em: 4 jan. 2021

FIGOLS, V. **Futebol e política: o futebol resiste!** Portal Ludopédio. 4 mai. 2016. São Paulo, v. 83, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-e-politica-o-futebol-resiste/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

FREITAS JR, M. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. **Efdeportes**. Buenos Aires, N° 94, Año 10, Marzo de 2006. Disponível em:

<<https://www.efdeportes.com/efd94/sociais.htm>>. Acesso em: 27 out. 2020.

GARCIA, V. Todo Poderoso Timão.com. **1913 à 1939 - Três décadas. Três Tri's**. [S. l.]. Disponível em: <https://todopoderosotimao.com/p_historia/h_1913_1939.php>. Acesso em: 05 de jan. 2021.

GODOY, A. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 5 jan. 2021.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol-Arte ou Futebol-Força?: o estilo brasileiro em jogo**. 2003. 44 f. Monografia (Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LAPEGI. In: Papo reto com a ciência - Imigração e ginásticas: Olhares para os clubes centenários paulistanos. **Canal no Youtube**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sQ5Za6ucQFs>. Acesso: 4 jan 2021

MARINHO, Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha; OLIVEIRA, Sonale Diane Pastro. **Diretas Já, um movimento social híbrido**. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v.6, n.3, p.129-143, set.-dez. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/31344/23347>>. Acesso em: 27 out, 2020

MEIHY, M; SOUZA, L. **O esporte como ferramenta política e diplomática: o caso do boicote americano às Olimpíadas de Moscou (1980)**. (Texto extraído da revista FuLIA/UFMG, v. 2, n. 3, set-dez., 2017). Editora UFMG, Três Lagoas. P.151

NEGREIROS, P. **A fundação do Corinthians**. Portal Ludupédio. 5 set. 2018. São Paulo, 111, n. 5, 2018. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/fundacao-do-corinthians-paulista/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

NEGRELLO, Michele. **Democracia corinthiana: da gestão que contrariou a cartolagem até as "Diretas Já" no Corinthians de hoje** I Michele Negrello. -- Campinas, SP: [s.n], 2008.

Nos anos 80 e 90, Corinthians já se apresentou no Japão. **Site Oficial Corinthians**, 2012. Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/noticias/nos-anos-80-e-90-corinthians-ja-se-apresentou-no-japao>. Acesso em: 28 dez. 2020.

O QUE FOI A DEMOCRACIA CORINTHIANA? – SABIA NÃO #3. [S. l.: s. n.], 30 out. 2018. 1 video (16:41 min). Publicado pelo Esporte interativo no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y2EezhNkkPo>>. Acesso em: 27 out. 2020.

Washington Olivetto. Mundo Estranho. **Super Interessante**. São Paulo. Atualizado em 4 jul.

2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-democracia-corinthiana/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

PEREIRA, CAMILA K. **Pra frente Brasil: ditadura militar, identidade e Copa de 70**. 2012. 15f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Jornalismo). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIRES, BREILLER. Futebol e política, uma mistura tão óbvia quanto a alienação de que a despreza. Futebol e Política. Opinião. **El País**. Brasil, São Paulo - 1 jun. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/futebol-e-politica-uma-mistura-tao-obvia-quanto-a-alienacao-de-quem-a-despreza.html>>. Acesso em: 27 out. 2020.

PORTAL GE. **No aniversário do Golpe Militar, Corinthians lembra Democracia Corinthiana**. São Paulo. 31/03/2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/no-aniversario-do-golpe-militar-corinthians-lembra-democracia-corinthiana.ghml>>. Acesso em: 27 out. 2020.

PORTAL IG ESPORTE. São Paulo – 15 set. 2018. **Jogadores da seleção de vôlei causam polêmica com suposto apoio a Bolsonaro**. Disponível em: <<https://esporte.ig.com.br/volei/2018-09-15/polemica-em-foto-da-selecao-brasileira-de-volei.html>>. Acesso em: 05 de jan. 2021.

PORTAL JOVEM PAN ONLINE. Atualizado em 13 out. 2020. **Carol Solberg é advertida pelo STDJ e proibida de repetir ‘Fora, Bolsonaro’**. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/esportes/outros-esportes/carol-solberg-e-advertida-pelo-stdj-e-proibida-de-repetir-fora-bolsonaro.html>>. Acesso em: 05 de jan.

PORTAL SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA. [s.d]. **Clube-História. Conheça a história do SCCP**. Disponível em: <<https://www.corinthians.com.br/clube/historia#:~:text=1910%20A%20funda%C3%A7%C3%A3o,o%20Sport%20Club%20Corinthians%20Paulista>>. Acesso em: 27 out. 2020.

PRA FRENTE BRASIL (Copa de 1970). **Letra.mus**. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/hinos-de-futebol/394819/>. Acesso em: 05 de jan

PORTAL MUSEU DO FUTEBOL. **A Democracia Corinthiana**. [s.d]. Disponível em: <<https://app.museudofutebol.org.br/corinthians/c/0/i/16832154/democracia-corinthiana>>. Acesso em: 27 out. 2020.

PORTAL MEU TIMÃO. **A fundação do Corinthians**. [s.d]. Disponível em: <https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_fundacao_do_corinthians>. Acesso em: 27 out. 2020.

PECHI, D. **Democracia Corinthiana, futebol e política**. Nova Escola. 1 dez. 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2131/democracia-corinthiana-futebol-e-politica>>. Acesso em: 27 out. 2020.

REGIS, V. **O acontecimento democracia corinthiana: cartografando estratégias de resistência ao modo de subjetivação capitalístico através do plano das práticas esportivas**. 2004. 143 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul p. 107, 108, 116, 118. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12616>. Acesso em: 27 out. 2020.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; MARTINS, Mariana Zuaneti. A democracia corinthiana e ação sindical: a narrativa da integração entre o movimento alvinegro e o sindicato dos jogadores de futebol.. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 1351-1371, set. 2014. ISSN 1982-8918. >. Acesso em: 21 dez. 2020.

SUPPO, H. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. **Contexto int.** Rio de Janeiro , v. 34, n. 2, p. 397-433, dez. 2012. Acesso em: 28 dez. 2020.

SANTANA, Thiago José Silva. A torcida é um animal político e quer um futebol mais democrático. *Ludopédio*, v. 106, 2018.

SANTOS, L. **Futebol empresa e a democracia corinthiana**: uma administração que deu *dribling* na crise. 1990. 169 f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. p. 100, 101,102,105.

SILVA, F da: Futebol e Política: Pra frente Brasil“. In: MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria (org.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2005, p. 21-30.

SÓCRATES; GOZZI R. **Democracia corinthiana**: a utopia em jogo. São Paulo: Boitempo, 2012. p.45.

THIENGO, Carlos Rogério. **O futebol e os futebolistas do futuro: análise do currículo presente na formação de futebolistas de alto rendimento a partir de um estudo de caso**. 2019. 1 recurso online (240 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

UNZELTE, Celso. **Almanaque do Corinthians**. Revista Placar, Livro Especial 1263 B 10/2003. Editora Abril, São Paulo, 2003.

VASCONCELOS, C. **‘O Corinthians luta por democracia e liberdade. E as duas estão sob ataque’**. [S. l.]. 8 ago. 2019. Ponte. Disponível em: <<https://ponte.org/o-corinthians-lutou-por-democracia-e-liberdade-e-as-duas-estao-sob-ataque/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

_____. **Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916**. São Paulo: PUC-SP, 1992. Disponível em: <[https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/055821_Negreiros%20%20\(M\)%20-%20A%20genese%20do%20Sport%20Corinthians%20Paulista.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/055821_Negreiros%20%20(M)%20-%20A%20genese%20do%20Sport%20Corinthians%20Paulista.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2021.

_____. **Democracia Corinthiana**. [s.d]. Disponível em:
<https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/democracia_corinthiana>. Acesso em: 27 out. 2020.

_____. **Democracia Corinthiana: o movimento que ajudou a construir o Brasil democrático**. 4 out. 2014. Disponível em:
<<https://www.corinthians.com.br/noticias/democracia-corinthiana-o-movimento-que-ajudou-a-construir-o-brasil-democratico>>. Acesso em: 27 out. 2020.

_____. 4 out. 2014. **Democracia Corinthiana: o movimento que ajudou a construir o Brasil democrático**. Disponível em:
<<https://www.corinthians.com.br/noticias/democracia-corinthiana-o-movimento-que-ajudou-a-construir-o-brasil-democratico>>. Acesso em: 27 out. 2020.